

O ANO DA SOBREVIVÊNCIA

Entre as muitas palavras que resumem 2020, a sobrevivência talvez seja a expressão que melhor sintetiza o esforço das pessoas para resistir à longa, inesperada e assustadora pandemia

A man in a dark suit and tie stands with his back to the camera on a large, mossy rock in the middle of a turbulent, dark sea. The water is a deep, stormy blue-green. Scattered throughout the water are several purple, spherical virus-like particles with multiple protruding spikes. The overall atmosphere is one of isolation and struggle.

BUZ
REVISTA

JORNALISMO UNAERP

MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

São 49 anos de história, formando profissionais que atuam nas principais emissoras de televisão, rádio, revistas, jornais, assessorias, sites de internet e mídias digitais do país.

CONCEITO
4

NO IGC MEC
PRINCIPAL AVALIAÇÃO
DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

★ ★ ★
3 ESTRELAS
GUIA DA FACULDADE
QUERO | ESTADÃO



10º MELHOR CURSO ✓
ENTRE INSTITUIÇÕES PRIVADAS
DO ESTADO NO RANKING DA FOLHA DE SÃO PAULO

ACESSE O PORTAL

jornalismounaerp.com.br
para conhecer os projetos e as produções
dos alunos nas diversas áreas de atuação.

UNAERP CURSO DE
JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

O PASSADO OUTRA VEZ



TAINÁ LOURENÇO

Engana-se quem pensa que essa é a primeira vez em que vivemos um momento como esse. A pandemia da Covid-19 pode ter pego muitos de surpresa, mas a verdade é que o planeta carrega em sua história as marcas de períodos ainda mais tenebrosos. O descrédito à ciência, a calamidade pública, o descaso dos governantes e o despreparo dos sistemas públicos de saúde são quase um patrimônio cultural da humanidade.

A luta contra doenças e epidemias é considerada como uma das mais antigas e também a mais duradoura. Em todo o tempo, ocorreram muitos outros períodos de horror, como a gripe espanhola, que matou mais gente do que a Primeira Guerra Mundial, ou a febre amarela, respon-

sável por esvaziar São Simão ao ponto de ceifar todo o potencial que a vizinha de Ribeirão Preto possuía para se tornar a principal economia da região. Momentos esses que antes eram vividos em trincheiras e “hospitais” com poucos ou quase nenhum recurso para tratar os doentes e encontrar uma cura para a doença. Vale lembrar que a medicina deu muitos passos para chegar ao ponto de relativa proteção em que estamos hoje.

Essa também não é a primeira vez em que as parcelas mais pobres da população se encontram diante do abandono por parte das repartições públicas. Talvez, seja um dos poucos casos em que a sociedade parou para olhar as classes menos favorecidas, até então menosprezadas, mas entre o olhar e o fazer ainda existe uma linha muito tênue de descaso e inércia. Mesmo que após a morte todos os bens materiais fiquem por aqui, em vida ainda vale a cultura da valorização daqueles que têm muito a oferecer.

Nunca antes o mundo inteiro parou de uma vez por conta de um vírus. Durante esse período foi possível perceber o quanto a história nos permitiu caminhar até aqui. A medicina, a ciência, as políticas, as pessoas e todos os âmbitos referentes à existência humana cresceram

ao longo dos anos. Afinal, já dizia o naturalista Charles Darwin que somos seres em constante evolução e somente aqueles que se adaptam às mudanças conseguem sobreviver nessa selva que é o mundo real.

Ao presente cabe aprender com o passado que, mais uma vez, se repete. Vamos sair melhores desse período? A resposta para essa pergunta depende da ação de cada indivíduo diante dessa não tão nova situação. Quando escolas são abandonadas, professores são desvalorizados, a educação enfrenta cortes atrás de cortes e disciplinas de humanidades e ciências enfrentam boicotes daqueles que, muito provavelmente, nunca entenderam o poder da reflexão (ou entenderam até demais), ficamos apenas com o que disse o filósofo e escritor George Santayana (1905), “aqueles que não podem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo”. Para o bem ou para o mal, o valor da história vai sempre refletir no futuro das nações. O caminho para deixar o passado para trás é trilhado por aqueles que se empenham a aprender com os erros que foram cometidos, criticar as repetições e lutar, não só pelos próprios direitos, mas por de todos aqueles que não podem entrar nessa batalha sozinhos.

EXPEDIENTE

Buzz – Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp. Projeto Interdisciplinar da sexta etapa de graduação em Jornalismo.

Reitora da Universidade de Ribeirão Preto:

Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão – Graduação:

Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

Coordenação do Curso de Jornalismo:

Prof. Geraldo José Santiago

Professores responsáveis:

César Mulati, João Flávio de Almeida e Murilo Pinheiro

Apoio técnico: **Gabriel Bordonal**

Produção: alunos da sexta etapa do Curso de Jornalismo

Repórteres /Fotógrafos: Ana Beatriz Feoli de Oliveira, Ana Carolina Januário Martin, Daniel Balaniuc Moreira, Enrico Ziotti, Fernando de Lima Lopes, Geovanni Henrique da Silva, Guilherme da

Silva Pinto, Helena Carolli Rodrigues, Hugo Degaspari Reis, Igor Aparecido de Abreu Santos, Laís Garcia Soares Magalhães, Lauani Beatriz Meira Santos, Lucas Silva Dias, Luís Augusto dos Santos, Marcelo Rodrigues de Carvalho, Maria Eduarda Pereira, Tainá Lourenço das Virgens, Thomaz Cavalcanti Cardoso, Victor Almeida Faustino, Victor Custodio Pegôlo e Vitória Quintero Conrado.

-- *O teor das matérias publicadas nesta revista é de responsabilidade dos autores, não representando, portanto, a opinião da instituição mantenedora.*

Impressão: **Herograf Indústria Gráfica**. Distribuição: gratuita

Versão digital extendida: www.jornalismouaerp.com.br

UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

Curso de Comunicação Social.

AV. Costábile Romano, 2.201 – Ribeirânia.

CEP 14096-380 – Ribeirão Preto – SP

Fone: (16) 3603-6749/3603-6716 - www.unaerp.br

Aniversário sem parabéns	5	Daniel Moreira
A educação em tempos difíceis	6e7	Ana Carolina Martin
Maternidade por trás das máscaras	8e9	Ana Feoli
O vírus do desemprego	10	Eduarda Ameixoeiro
Artigos	11	Luís Augusto Pereira e Hugo Reis
A quarentena da notícia	12e13	Enrico Ziotti
Pequenos prisioneiros de um vírus	14	Fernando Lopes
Artigos	15	Marcelo Carvalho e Geovanni Henrique
Maternidade em impedimento	16e17	Geovanni Henrique
Roupa manchada na moda	18e19	Guilherme Pinto
Ativos até na pandemia	20e21	Helena Carolli
Um registro à distância	22e23	Hugo Degaspari Reis
Relatos de sobreviventes	24e25	Igor Abreu
Uma barreira contra o vírus	26e27	Laís Garcia
A arte de passar o chapéu	28,29e30	Lauani Meira
Artigos	31	Lauani Meira e Daniel Moreira
O home office veio para ficar	32,33e34	Lucas Madeira Dias
Artigos	35	Ana Feoli e Igor Abreu
Fome de igualdade	36e37	Luís Augusto Pereira
Youtubers sofisticam a produção	38e39	Marcelo Carvalho
A guerra de todos os tempos	40,41e42	Tainá Lourenço
Artigos	43	Enrico Ziotti e Helena Carolli
Oportunidades em meio à pandemia	44e45	Thomas Cavalcanti
Despedida sem afeto	46e47	Victor Custódio
Os desafios das aulas remotas	48	Victor Faustino
Artigo	49	Guilherme Pinto
A doença que não tem pausa	50	Vitória Conrado



ANIVERSÁRIO SEM PARABÉNS

Muita gente que fez aniversário durante a pandemia experimentou a sensação de comemorar a data sem a presença dos amigos. A festa sem parabéns vai ficar como uma lembrança de 2020

Para muitos, o aniversário é o dia favorito de qualquer pessoa, uma data para reunir os amigos e comemorar, mas com as medidas de distanciamento social isso se tornou ilegal e para muitos até imoral. Durante a pandemia, a festa que era uma tradição virou uma ameaça à saúde. A impossibilidade de comemorar serviu para mostrar a real importância do dia. O jornalista Thainam Honorato sempre foi tradicional com a sua festa, mesmo que não fosse muito fã de muvuca. De comportamento recluso, nunca conseguiu escolher presente ou falar o que queria, ainda sim, tem boas lembranças da data. Com uma mãe boleira, chegava ao dia 31 de agosto com a mesa cheia. “Quando os meus avós estavam vivos, sempre fazíamos questão de comemorar, preparávamos um banquete, fazíamos folia, era um momento para celebrarmos a vida”, lembra Thainam. Desde o falecimento do avô e após ter começado a trabalhar como assessor de mídias não teve mais tempo para a ocasião. “Estou sentindo saudade

desses momentos. Tentei resgatar a comemoração da data, mas apesar da tentativa ainda senti a ausência de muitas pessoas no aniversário”, comenta o jornalista.

Pelo menos Thainam passou o dia com saúde, diferentemente do que ocorreu com o universitário Leonardo Bugory que atravessou o dia 27 de março com uma febre e tossindo muito. Sem conseguir sair da cama, também não recebeu visita pelo medo de estar infectado. Leonardo comentou que “bateu uma falta enorme. Era o único momento do ano que costumo reunir amigos. Achei que ia morrer na minha cama”. Ele tinha a festa toda planejada para o começo de abril, antes da quarentena começar. Pretendia fazer um churrasco e passar a festa com quem gosta. “Já tinha chamado os amigos de longe e até o tio de São Paulo viria, mas depois que a quarentena foi instituída começou a receber os cancelamentos. Isso foi o que mais doeu”, lembra Leonardo. Até mesmo quem nunca ligou para o aniversário como publicitário George Pereira sentiu a falta da ocasião. “Nunca gostei de festas glamorosas e lotadas de gente, mas sempre apreciei a troca de experiências, o que realmente conta são os contatos e as pessoas. Quando chegou setembro e não teve nada, a impossibilidade de comemorar foi uma dor que não deu para escapar”.



A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DIFÍCEIS

Atividade educacional para os pequenos

Surpreendidos pelo isolamento, professores e alunos tiveram pouco tempo para se adaptar ao ensino remoto e continuar ensinando os alunos à distância

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, fase em que se inicia o processo de formação educacional. Os primeiros anos são imprescindíveis para o desenvolvimento da aprendizagem, da alfabetização e para o aprofundamento das experiências. A BNCC estabelece para a Educação Infantil os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. O documento estabelece que “as crianças precisam aprender em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los.”

Por conta dessas exigências, a experiência do ensino remoto foi um desafio, relembra Ana Caroline de Souza, professora regente no Colégio Adventista. “No começo foi um desafio

bem maior, parecia que não ia ter jeito, mas me acostumei. Durante todo esse tempo de educação remota, todos os dias, temos um desafio diferente” comenta Ana Caroline. A professora conta que tudo mudou na rotina. “Antes eu recebia os alunos na minha sala, hoje são os alunos que me recebem em casa”. As famílias precisaram abrir as portas e assumir novos papéis na educação dos filhos. Os pais são fundamentais, pois precisam conectar a ferramenta da escola e os e-mails para que os filhos possam assistir às aulas.

Ana Caroline avalia que, de forma geral, o papel dos pais continuou o mesmo, apenas acrescentaram a atividade de auxiliar nas aulas síncronas. “Dá para perceber que o aluno que não tem a presença de um responsável auxiliando, apresenta maior dificuldade para acompanhar as atividades. No começo, apresentávamos os trabalhos e os pais realizavam com os alunos, mas agora as aulas são ao vivo, o que facilitou um pouco para os pais”. A professora acredita que os responsáveis que acompanhavam a criança e já tinham o costume de auxiliar nas tarefas e trabalhos escolares não sentiram tanta diferença quanto aqueles que não estavam tão presentes na vida escolar da criança.

Para Gabriela Silva Zanin, professora de escola particular, inúmeras dificuldades surgiram, desde problemas de atenção, pais que não pararam de trabalhar e não puderam acompanhar os filhos e até os que não querem acompanhar e deixam as crianças sem aulas. As duas professoras apontam a concentração dos pequenos como o maior obstáculo. No ambiente escolar, as distrações são menores, mas em casa, com os pais trabalhando no home office, animais de estimação e a presença constante de brinquedos e eletrônicos fica difícil man-

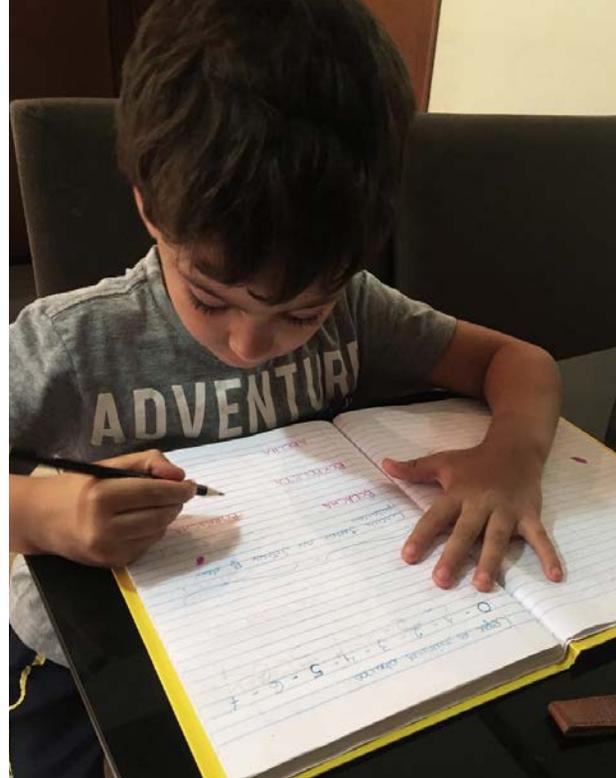
ter os alunos concentrados por horas seguidas. Ana Caroline explica que em aulas mediadas por tecnologia, a dificuldade aumenta muito, porque o controle é menor, não são todos os alunos que ligam a câmera. Gabriela ressalta a importância de aulas mais dinâmicas e lúdicas e a constante reinvenção para manter o interesse e a atenção dos alunos. Outro ponto em que as professoras concordam é que as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de aprendizado são as mesmas que elas teriam em sala de aula. Gabriela considera que o maior impacto é a falta de socialização com outras crianças, uma parte essencial do desenvolvimento.

A didática das aulas teve que ser adaptada para o universo virtual, mas mantendo a essência do conteúdo ministrado em sala de aula. Ana Caroline afirma que seus alunos receberam os materiais no começo das aulas remotas. Como ocorria no ambiente presencial, acompanhavam as matérias e as disciplinas, mas para uma melhor organização e concentração as aulas foram baseadas em slides. A professora ressalta a necessidade de fazer algo diferente, como jogos e atividades que podiam ser realizadas com materiais que os alunos tinham em casa, mas que provocam um momento divertido de aprendizado.

DO LADO DE LÁ DA TELA

A rotina da família era voltada para fora da casa, conta Fabíola Ramon, mãe dos gêmeos Guilherme e Tiago que, além de trabalhar em casa, precisou dar maior suporte e atenção às aulas dos filhos. “O principal ponto de diferença é essa presença como mãe em casa, tendo que me dividir entre o cuidado da casa e o meu trabalho também. Antes essa divisão acontecia porque os espaços eram diferentes, na pandemia ficou tudo no mesmo local e precisei assumir diferentes papéis ao mesmo tempo e no mesmo local”, relembra a psicanalista. Para Cássio Pardini, que foi demitido pouco antes do começo da pandemia, o papel desempenhado em casa foi mais do que relacionado aos filhos. Ele assumiu as tarefas domésticas e o cuidado com os três filhos em tempo integral. Lembra que no começo não interferiu, mas notou a necessidade de uma rotina, readaptar os momentos dentro de casa para que as crianças tivessem uma forma de se orientar, com os horários das refeições, das aulas e do lazer.

Fabíola conta que a experiência com o ensino remoto foi se transformando, ela explica que no começo todos foram surpreendidos e até a escola se estruturar com o ensino a distância sua participação e do seu marido passaram a ser muito ativa, dando as lições, corrigindo e enviando trabalhos à escola. Quando começaram as aulas em uma plataforma digital e uma carga horária menor, a mãe diz que ficou mais fácil, mas ainda assim a necessidade de acompanhar é muito maior que nas aulas presenciais. “As crianças não têm maturidade para ver a aula on-line e saber que precisam prestar atenção porque é para o futuro delas”, avalia Cássio, que enfatiza a importância de acompanhar as aulas virtuais, sempre vendo as



O processo de aprendizado precisou ser adaptado

tarefas e a participação dos filhos. Existem dificuldades na aprendizagem das crianças com a aula remota.

Cássio avalia que houve uma grande mudança em seu papel em relação à educação dos filhos, percebeu a necessidade de estar próximo, de participar das aulas para que eles se envolvessem e prestassem atenção. O pai lembra que antes essa função ficava apenas com os professores, em casa ele ajudava nas tarefas, se mantinha a par do que os filhos estavam aprendendo e comparecia às reuniões de classe, mas durante a pandemia teve que participar ativamente, estar muito mais envolvido no processo de aprendizado. “Temos três filhos e preciso atender um de cada vez. Os outros dois têm que ficar fazendo alguma atividade”, comenta Cássio. “O meu papel e do meu marido mudou bastante nesse período. A gente sempre foi bem atento às questões educacionais e pedagógicas, mais não é só estar atento, precisa participar ativamente do processo, acompanhando todos os dias, vendo se estão concentrados ou não, se possuem dificuldades e se estão enviando as atividades ou não”, recorda Fabíola.

MATERNIDADE POR TRÁS DAS MÁSCARAS

Mães de primeira viagem contam como foi passar pelos processos da gravidez e da maternidade durante o isolamento social



Susana diz que se descobriu capaz de ser mais do que imaginava

Tornar-se mãe é o sonho de grande parte das mulheres, mas passar por esse momento durante uma pandemia estava fora do roteiro imaginado por elas. Exposição ao coronavírus, novos protocolos de segurança, mudança de rotina e o isolamento social geraram grandes expectativas e agora o “novo normal” tem sido um desafio para as novas mães.

Medos e inseguranças, que são esperados diante da chegada do primeiro filho, intensificaram-se com a presença da doença. Aline Gregoldo teve o filho, Tito, no dia 9 de junho e revelou que conhecer a rotina de outras novas mães a tranquilizou. “Vimos todas as mães passando por isso. O fato de não ser uma preocupação isolada da minha família, mas de todas com bebê pequeno nos fez aceitar e tomar todos os cuidados necessários”, afirma a empresária.

Os planos e as tradições que rondam a maternidade também tiveram que se adaptar. A estudante de pedagogia, Thais Laguna relatou que o isolamento impactou muito o emocional e que se sentiu muito sozinha durante a reta final da gravidez de Dom que nasceu dia 11 de julho. “Querida ter pessoas por perto e não podia, queria minha família e amigos compartilhando comigo aquele momento tão único. Foi como se parte do brilho tivesse sumido. Nunca foi tão real aquela frase “happiness is only real when shared” (A felicidade só é real quando é compartilhada)”, conta a estudante.

A sensação de estar vivendo no meio de uma pandemia criou novos sentimentos para o momento da gravidez. Susana Bebert teve a filha, Glória, no dia primeiro de agosto e relatou sentir impotência ao se deparar com a gravidade da nova doença. “Não era só pela gravidez. Eu temia pela minha vida e pela vida das pessoas que eu amava”. A jornalista contou ainda que muitos “e se” rondavam os pensamentos. Com isso, a felicidade da primeira gestação foi contida. “Tinha sempre um pé

atrás por medo de que algo que estava fora do meu controle acontecesse”, declara a jornalista.

Um momento muito comum após o parto é quando a família conhece o bebê. No geral, avós e tios da criança vivem o encontro no próprio hospital e o clima de festa se torna único. Essa atual impossibilidade de reunião no hospital, abalou tanto os novos papais, quanto os familiares próximos ao bebê. “Nossos pais e irmãos não puderam entrar no hospital para conhecer o Tito em seu primeiro dia de vida, o que foi algo bem difícil para nós e para eles”, relata Aline.

Essa privação tanto para o bebê, quanto para os familiares e amigos tem gerado muita ansiedade para o tão sonhado encontro. Se reinventar e buscar meios seguros para promover essa aproximação tem feito parte da rotina dos novos papais, quase como trocar a fralda e dar banho. Susana conta que levou a filha até a casa dos familiares e ficou com ela do lado de fora do portão. Aline passou a usar as redes sociais de forma mais constante e compartilha as novas conquistas do Tito para que os amigos se sintam parte do crescimento do bebê.

PRIVILÉGIOS EM MEIO À ADVERSIDADE

Porém, com tanto amor que envolve a maternidade, até mesmo nessa fase difícil, algo bom ficou. A possibilidade de trabalhar em home office permitiu com que papais e mães ficassem integralmente em casa e, conseqüentemente, tivessem mais tempo para aproveitar os primeiros meses de seus bebês. Thais conta que esse tempo de reclusão proporcionou uma maior conexão com a maternidade. “Creio que se estivesse fora no horário comercial, como era

antes, não teria conseguido vivenciar todas as dores e as delícias da gravidez”.

Já Susana se viu muito capaz de cuidar da filha sozinha, afinal, toda a rede de apoio que envolvia família e amigos ficou ausente. “Nós, eu e meu marido, estamos fazendo tudo isso de uma forma muito alegre. Eu tinha muito medo de não dar conta, de não saber fazer alguma coisa, de precisar das pessoas diante de alguma incapacidade e eu descobri que eu sou uma boa mãe. Isso me uniu muito com a minha filha e com o meu esposo.”

Na rotina de Aline, o isolamento permitiu que o marido estivesse tão presente quanto ela nos cuidados do bebê, pois antes ele trabalhava pela manhã e acabava voltando apenas à tarde. “Aqui em casa, meu marido aproveitou e participou das primeiras conquistas do Tito junto comigo. Nossa família ficou ainda mais unida nesse tempo”. A empresária ainda comentou que ser cuidada durante o puerpério pela mãe, irmã e a sogra, sem precisar de maiores exigências de compromissos externos, fez com que esse tempo difícil passasse com mais facilidade. “Uma coisa é fato: nunca mais seremos os mesmos depois desse tempo”, finalizou.



Aline conta que a família ficou mais unida



Para Thais, o isolamento proporcionou mais tempo com o filho, Dom

O VÍRUS DO DESEMPREGO

Em meio à pandemia causada pelo Coronavírus, o crescimento da taxa de desemprego na região de Ribeirão Preto aumentou de 9,5% para 15,4% na população economicamente ativa, de acordo com a Pesquisa de Condições de Vida da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados) de junho de 2020



Trabalho alternativo no centro de Sertãozinho

Os números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados em agosto, são um retrato do impacto da pandemia no mercado de trabalho regional. As estatísticas estaduais revelam que, nos meses de março e abril/2020, quando o Estado se manteve na fase vermelha de acordo com o Plano São Paulo, ocorreram demissões em vários setores. Em Ribeirão Preto, nesses dois meses iniciais da pandemia foram registradas 8.615 demissões. “As empresas começaram a dispensar os funcionários após a obrigatoriedade de fechar os estabelecimentos. Sindicatos e empresas chegaram a um acordo com seus funcionários, com o intuito de preservar os direitos nos respectivos empregos”, explica Soraia Stella, advogada trabalhista.

Os números de desempregados em Ribeirão Preto nesta fase foram alarmantes. O governo adotou a estratégia de retomar com segurança as atividades econômicas durante a pandemia. O Estado foi dividido em 17 departamentos regionais e a abertura econômica foi escalada em cinco níveis, da cor vermelha à azul, de acordo com os indicadores de saúde. No começo de março foi decretada a fase vermelha para todo o Estado, ou seja, só as atividades essenciais funcionaram. As demais tiveram que fechar as portas. Sem a movimentação dos clientes, as vendas despencaram e as empresas começaram a demitir. “Com as incertezas do início da pandemia, o desemprego aumentou. Além disso, o comércio há um bom tempo trabalha com quadros reduzidos”, avalia Jonathan Faleiros

presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio Atacadista e Varejista de Sertãozinho.

De acordo com os dados do Caged, março foi o grande pico de demissões no país, chegando a alcançar a marca de 1,7 milhões de dispensas. “Foi tudo muito difícil, ninguém esperava por essa pandemia. Quem tinha um emprego garantido, em um piscar de olhos, ficou desempregado”, relata Carla Batista que trabalhava como auxiliar de produção em uma empresa de Ribeirão Preto. Em junho, o governo federal publicou um decreto legislativo para auxiliar os trabalhadores. Foi instituído o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda que estabelecia medidas complementares para o enfrentamento do estado de calamidade pública em decorrência da pandemia do coronavírus. “A Medida Provisória 936 do governo federal possibilitou a redução ou suspensão da jornada de trabalho. O benefício foi estendido por 240 meses até 31 de dezembro de 2020. Mesmo com a diminuição dos ganhos dos comerciários, foi importante para manter os empregos”, avalia Jonatham.

Um setor que registrou um forte impacto foi o de eventos. As festas foram canceladas ou remarçadas. “Trabalhava como bartender em eventos, como casamentos e festas. Com a suspensão, fomos mandados embora. Não foi nada fácil, fiquei desempregada. As entrevistas de empregos também foram canceladas. Resolvi vender joias de prata 925 e hoje é com o que eu faço a minha renda do mês”, relatou a ex-bartender, Aline Braga.



UMA NOVA REALIDADE

Hugo Degaspari Reis

Fotógrafos utilizam a presença física para elaborar e entregar, da maneira mais natural possível, a arte. Algo tão banal como um rápido encontro tornou-se extremamente difícil nesta nova forma de viver. Agora, contradizendo a própria origem, o distanciamento social trouxe novas formas de contato. O ser humano, teoricamente, é uma raça resiliente. Em contrapartida, toda e qualquer adaptação requer muita maturidade. Em “Um registro à distância”, os fotógrafos ali referenciados encararam a nova realidade de uma maneira muito pessoal. Cada profissional viu uma oportunidade e uma maneira de aplicação ao dia a dia. Superação e conhecimento são palavras-chave que resumem este momento tão único e nunca antes enfrentado.

O âmbito pessoal e o profissional revelaram-se de uma nova forma e, portanto, abrangem uma nova realidade: o fato é que todos sairemos mudados deste período. Não obstante, ficou evidente a necessidade do autoconhecimento. Estar em contato consigo mesmo em um período tão intenso trouxe questões antes pouco refletidas, sequer consideradas. Ainda, diversos contratemplos surgiram. Remarcações de datas, lotação de agenda antes da data prevista e até mesmo prejuízos financeiros, visto que o valor do serviço de cada profissional, dependendo da época de fechamento de determinado contrato, mudou. Mais do que isso, os fotógrafos se viram, inicialmente, perdidos.

Cada um apresenta e desenvolve uma forma de lidar com a crise. Estes profissionais potencializaram determinadas áreas de conhecimento, canalizaram a energia para desenvolvimento daquilo e, só assim, voltaram à jornada de registrar momentos — resultado único desta forma tão intensa de ver o mundo. Assim como, arrisco dizer, toda a população que se deu conta da grandiosidade do momento, os fotógrafos sairão transformados deste período. E tal mudança pode se fazer presente em uma nova forma de abordagem, bem como as oportunidades ou um novo protocolo de segurança que, muito provavelmente, permanecerá. Com a inserção dos ensaios on-line, por exemplo, novas oportunidades surgirão para aqueles que se arriscaram nesta técnica. Por outro lado, fotógrafos que continuam escolhendo o olho no olho poderão se destacar por priorizarem a essência.



LIVRAI-NOS DA FOME!

Luís Augusto Pereira

Parafraseando Joaquim Nabuco, os mais pobres não precisam soletrar a palavra igualdade para sentir a dureza de sua condição. A pandemia do novo coronavírus, certamente, democratizou as dificuldades e aprofundou ainda mais a experiência do drama do dia seguinte, principalmente quando o assunto é fome.

Dados de julho de 2020 mostram que cerca de 40 mil ribeirãopretanos, vivem com menos de R\$ 180 mensais, destes, 30 mil a renda é inferior a R\$ 89. A Secretaria de Assistência Social de Ribeirão Preto, que mensalmente distribuía em torno de 250 cestas básicas a cada 30 dias, durante a crise sanitária, passou para em média 4,5 mil. Apesar de ser o 21º município mais rico do Brasil, a desigualdade social faz parte da realidade da cidade, e é uma verdade que se faz necessária ser conhecida, para que, talvez um dia, as pessoas que vivem nessa situação, sejam libertadas.

Não faz muito tempo, acompanhei a distribuição de cestas básicas por uma ONG da “Califórnia Brasileira”. Em um dos locais, quando chegamos, duas crianças balançavam com os braços o mais alto que podiam. A senhora que tomou a frente de pedir ajuda para comunidade, fez a recepção e, seguindo os protocolos da cordialidade, convidou as visitas para entrar. “Venham conhecer onde moro”, ela se referia à comunidade. Lá não tinha asfalto, poucos passos do início da caminhada, havia um cano que umedecia o solo. As casas eram muito simples, algumas se assemelhavam a quadrados de madeira e os moradores estavam sentados do lado de fora. Junto a moça, estavam dois cachorros que disputavam sua atenção.

Depois que conhecemos um pouco da sua realidade, os kits começaram a ser entregues. Uma fila foi formada, as roupas eram básicas, algumas já marcadas pelo uso e à medida que estavam sobre os braços dos moradores, a satisfação logo transbordava para os olhos e, prontamente, invocavam a benção de Deus, com um largo sorriso. A impressão era de que a oração universal havia sido ouvida. O pão de cada dia foi garantido e a igreja que estava sendo construída, fazia todo o sentido.

A QUARENTENA DA NOTÍCIA

Os veículos de comunicação sofreram um forte impacto na pandemia. Alguns jornais, revistas e portais de notícias até tiveram que parar de circular por falta de anunciantes



Beatriz e Francine tiveram que suspender a circulação da revista

O jornalismo é um dos trabalhos que não puderam parar mesmo com o impacto do novo Coronavírus. Enquanto parte da mídia possui grandes verbas, patrocínios, dezenas de profissionais e recursos para gerar notícias, outra parte, como o jornalismo comunitário, não tem o mesmo retorno. Essa realidade fez com que alguns parassem de produzir ou diminuíssem drasticamente a divulgação de notícias. De acordo com as proprietárias Francine Micheli e Beatriz Amorim, a Farofa Magazine é uma revista que objetiva “estimular o diálogo em torno de comer e beber”. A proposta de uma revista que foge do tradicional também depende dos anunciantes para tornar o projeto autossuficiente. Com a chegada da pandemia em março, as responsáveis pela Farofa pararam as produções por tempo indeterminado. Através do Instagram da revista, publicaram um aviso suspendendo as matérias. O texto afirmava que a forma reflexiva sobre comer e beber não fazia sentido diante de uma crise tão grave.

Beatriz Amorim relembra o impacto no início da pandemia: “Foi um baque. Do tipo onde estou? O que estou fazendo? Para aonde vou?” A decisão da pausa não foi algo pensado e as duas proprietárias nem chegaram a discutir sobre isso. “Não tínhamos cabeça para fazer aquilo naquele momento em que o mundo estava meio invertido, não estava a fim

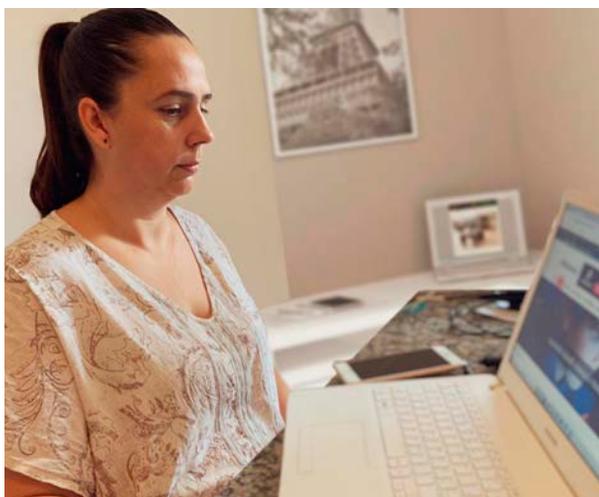
de lidar com um site e a distribuição da revista”. A suspensão da Farofa Magazine foi possível porque a revista não era a fonte de renda principal das proprietárias. Francine é formada em jornalismo e trabalha com produção de conteúdo, enquanto Beatriz é sommelière de cervejas.

O projeto também publicava uma edição impressa por ano que dependia de anunciantes. “No terceiro ano da revista impressa, conquistamos anunciantes muito legais e tínhamos bom relacionamento com os antigos”. A pausa não significou o fim do projeto. Mesmo sem novas produções, o site ainda contou com mais de 50 mil visitas desde março. Outro motivo que contribuiu para a suspensão foi a falta de clima para falar sobre notícias de gastronomia. Amorim observou que o desemprego aumentou. “Era restaurante questionando se abriria, gente que perdeu a renda, que não sabia se conseguiria comprar o leite do filho. Então, eu não conseguia mais ver um sentido”, relembra a jornalista.

O caso da Farofa não é o único. Outros jornais foram prejudicados com a quarentena, mas continuaram por serem a fonte de renda principal dos proprietários. Telma Mafra é dona e jornalista do Portal Ribeirão Sul, que publica notícias da região Sul de Ribeirão Preto. A plataforma tem dois anos e meio de existência e demorou um ano para ser estruturada. Hoje, por mais que possua

prestadores de serviço e até uma estagiária, tudo o que é escrito para o portal passa por Mafra. A jornalista formada há 18 anos conta que o home office já era uma realidade do trabalho, mas que esse fato não fez a pandemia passar despercebida pelo Portal. As maiores dificuldades vieram quando o site perdeu anunciantes. “Os clientes saíram porque tudo estava fechado. Todos os anunciantes fugiram. Todos eles pararam”, relata a jornalista.

Outro problema foi a falta de pautas, já que o portal publica notícias da Região Sul da cidade e a maior parte delas sobre eventos da região.



Para Telma, a pandemia reduziu o que já era restrito

“O que movimenta o portal são os eventos e as matérias mais locais. A pandemia reduziu o que já era restrito, trabalhamos com menos volume de informação e para gente afunilou mais ainda. Quando não tínhamos notícias do que acontece na zona sul, a gente ia atrás. Sentimos muito”, lamenta a jornalista. Por saber que os jornais não podem parar, a dona do portal se viu obrigada a se reinventar para continuar o trabalho. “O jornalista é muito criativo, a gente acaba se reinventando, pega pauta de cliente e transforma. Faz uma entrevista na área de saúde, bem-estar. Nosso trabalho interno, de conteúdo, triplicou. Tivemos que correr muito mais atrás de pauta, mas deu certo. Foi trabalhoso e até interessante porque reinventamos algumas coisas no portal”, relata a jornalista.

Outro caso de jornalismo alternativo é o Jornal da Vila, produzido por Fernando Braga há 15 anos para os moradores da Vila Tibério, bairro tradicional de Ribeirão Preto. Braga faz o jornal praticamente sozinho. Os colaboradores ajudam via e-mail. No começo da pandemia, Braga recorda que naquele primeiro mês, em abril, não encontrava ninguém. “Eu tive um prejuízo grande porque muitos anunciantes pararam e não tinha como cobrar”, comenta o jornalista. O jornal, que já publicou mais de 180 edições, tem o histórico de não só noticiar fatos relacionados ao bairro, mas também relembrar histórias, pessoas e até comércios do passado. Por conta das pautas históricas, o conteúdo do jornal não foi muito afetado. De qualquer forma, o formato de entrevistas on-line ou por telefone foi algo que contrariou Braga. “A entrevista presencial é mais rica e você consegue tirar mais coisas, sentir mais o entrevistado. A não ser que seja algo mais rápido, de opinião”, avalia o jornalista. O volume de publicidade no Jornal da Vila é essencial para sua manutenção. Com a redução de clientes, Fernando Braga teve que diminuir o número de páginas. “Por conta dos anunciantes, eu tinha 24 páginas, passei para 20 por causa do custo de gráfica, e depois para 16 por conta da pandemia. Desde abril as edições tiveram 16 páginas”, lamenta Braga.



Braga: “Eu tive um prejuízo grande porque muitos anunciantes pararam e não tinha como cobrar”

PEQUENOS *PRISIONEIRO*S DE UM VÍRUS

Com o longo período de isolamento, longe da escola e dos amigos, as crianças podem ter problemas psicológicos e de interação social na vida adulta

A época da infância e da adolescência é uma das fases mais importantes na vida de um indivíduo, pois nesse período a pessoa desenvolve o caráter e aprende a ter uma boa comunicação. Porém, o crescimento saudável das crianças foi afetado pelos problemas que a pandemia causou. Entre essas mudanças estão o medo de contrair a doença, ter algum amigo ou parente infectado pela Covid 19. Além disso, as crianças enfrentaram um longo período de isolamento em suas casas para evitar o contágio, fazendo com que ficassem sem poder ir à escola e brincar com os amigos. O isolamento dessas crianças e adolescentes pode causar diversos problemas, desde os mais leves aos mais severos, pois elas ainda estão com a mente em formação. Elas necessitam de convívio com outras pessoas para um desenvolvimento saudável. Por mais que tenham as aulas on-line, elas ainda precisam de uma interação cara a cara com os colegas. “A criança aprende muito com o exemplo dos amigos, pois ela é um ser muito dinâmico, que aprende com a interação social. Antigamente, quando os pais tinham cinco ou seis filhos, a pré-escola não era muito importante. Agora que as famílias têm um ou dois, a criança precisa da escola também para aprender a ter interação social e isso o computador não dá”, explica a psicóloga Renata Gorayeb.

AJUDA PROFISSIONAL

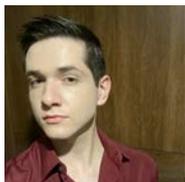
A psicóloga ainda complementa dizendo que os jovens que estão há muito tempo inseridos no mundo digital podem ter a relação social e interpessoal falha, pois quem utiliza os meios digitais frequentemente para fazer as interações sociais corre o risco de ter disfunções de comunicação na vida adulta. “Serão pessoas que terão dificuldades de se expor, de conviver com o outro, de conversar e de interagir. Isso está ocorrendo muito precocemente para as crianças”, observa Renata. Além dos problemas de interação que as crianças e os jovens podem ter, o estresse é outro fator que pode afetar. “Quando a pandemia começou,



Longo período de isolamento pode prejudicar o desenvolvimento das crianças

o meu filho ficou meio nervoso e irritado, acredito que pelo fato de não poder sair de casa. Ele costuma reclamar muito das aulas on-line. O lado bom é que ele aproveitou esse tempo para estudar, já leu quase 30 livros desde o começo da pandemia”, conta a gestora Cláudia Pereira, mãe de um menino de 13 anos.

Para tentar amenizar o estresse que o isolamento pode causar nas crianças, os pais tentam entreter seus filhos para que não se sintam entediados. “Desde que a reclusão começou, notei algumas diferenças, pois ele sempre gostou de ir à escola e de estar com os amigos. Então, procuro compensar brincando com ele, junto de nossos cachorros, e jogando bola para que não se sinta entediado”, conta a conferente Elizabeth Bressan, mãe de um menino de 12 anos. Apesar de muitas crianças passarem por essa anormalidade com o mínimo de sequelas possíveis, algumas foram bastante afetadas. “O número de quadros de ansiedade, de depressão, de agitação e irritabilidade aumentou bastante. A quantidade de adolescentes que eu atendo que iniciaram o tratamento com antidepressivos ficou fora do padrão da normalidade. Quase dobrou a quantidade de adolescentes que precisaram de uma interface mais profunda”, relata a psicóloga.



DOIS LADOS DO YOUTUBE

Marcelo Carvalho

É nítido o crescimento de diversos nichos diferentes dentro do Youtube, seja por bem ou por mal, atualmente é possível encontrar todo tipo de conteúdo na plataforma. Claro que dentro das diretrizes do site, pois as regras estão ficando cada vez mais rígidas com questões de direitos humanos, copyright, conteúdo politicamente correto e aceitável para a família ou, como o Youtube nomeia, “conteúdo family friendly”. A popularidade dos youtubers desses nichos, consequentemente o sucesso financeiro e profissional deles também, ocorre pelo tipo de assunto que abordam e pela quantidade de pessoas que discutem e consomem aquele determinado conteúdo.

O poder que o algoritmo tem sobre dar novas oportunidades aos youtubers e abrir portas, também é muito complicado. Um canal que fala apenas de assuntos que estão em alta, que são consumidos por uma gama muito grande de pessoas, que aborda tudo de forma “family friendly” e evita dar opiniões reais, polêmicas ou muitas vezes que contrariam a grande massa, irá crescer imensamente e muito mais rápido na plataforma do que um canal que aborde questões de minorias sociais, problematizações sérias e dê opiniões fortes por exemplo.

Então por mais que esse canal mais “afunilado” cresça em seu próprio nicho, na maioria dos casos ainda estará menor do que o outro canal que aborde assuntos mais abrangentes. Por conta disso, muitos canais não recebem apoio de patrocinadores por exemplo, que ajudam muito no crescimento e sustento, não terão facilmente convites para eventos, que são muito comuns para youtubers da capital no eixo Rio-São Paulo e ajudam a expandir o canal para um público cada vez maior.

Portanto, ao olhar mais de perto como funciona o YouTube e conhecer as experiências de alguns criadores de conteúdo na matéria “Youtubers sofisticam a produção”, da Revista Buzz, é possível aprender que por mais que o Youtube possa ser uma ótima rede de entretenimento, educação e distração do mundo real, muitas vezes, os preconceitos e as problematizações da sociedade dificultam o crescimento da plataforma.



REFLEXO DO PRECONCEITO

Geovanni Henrique

Elas foram proibidas de praticar esportes considerados masculinos. Ainda são, mesmo com mais sororidade, fortalecimento do feminismo e diálogo com os homens. Provavelmente, eles sejam o problema, já que desejam um mesmo nível técnico daquele futebol brasileiro, que já não é mais de Pelé, Zico ou Ronaldo. Em 1983, a Seleção Brasileira colecionava três títulos da Copa do Mundo (1958, 1962 e 1970). Neste mesmo ano, elas finalmente conquistaram o direito de jogar, já que no dia 14 de abril de 1941 foi instaurado o decreto-lei 3.199 que dizia: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Com pouco tempo, é ilógico imaginar que o desempenho delas seja exatamente igual o deles. Os motivos são claros: atraso, falta de investimento nas atletas e nas competições, além do preconceito. A maternidade em impedimento é somente um dos vários ângulos que podem ser abordados na problemática do papel esportivo e social do gênero feminino no Brasil. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 2012, monitorou 125 mil mulheres que tiraram licença maternidade. Dois anos depois, 48% desse público estava fora do mercado de trabalho.

O amadorismo citado pelo advogado especialista em direito desportivo, Bruno Galluci, reflete o preconceito da sociedade que pensa que “mulher dá gasto porque engravida”. A mesma que reproduz frases como “ela joga com um homem”. Mesmo em volta dessa marcação pesada que é a sociedade machista, a rainha do futebol é brasileira. Marta Vieira da Silva. Não é Pelé, Zico ou Ronaldo. Ainda bem. Em outubro de 2020, o Facebook fechou uma parceria com a Federação Paulista de Futebol (FPF) e vai transmitir o Paulistão Feminino, mais tradicional modalidade do país. Uma oportunidade para o futebol feminino virar o jogo e se tornar mais conhecido.

MATERNIDADE EM IMPEDIMENTO

Jogadoras de futebol cobram mudanças nos direitos trabalhistas e revelam de que modo ainda são 'impedidas' de serem mães

Poucos são os que pensam como seria a gestação de uma jogadora de futebol. Até mesmo dirigentes e gestores. Isso porque a minoria dessas atletas opta pela gravidez, mas a exceção não faz a regra e algumas delas ainda sonham com a maternidade. Os desafios são ainda maiores em um país onde o esporte recebe pouco apoio e investimento, como no Brasil. Em razão dessa dificuldade, algumas mulheres escolhem encerrar um sonho para realizar outro. O exemplo disso é a ex-zagueira da Seleção Brasileira e da Ferroviária, Marina Toscano Aggio, que aos 34 anos decidiu pendurar as chuteiras para ser mãe. Por muito tempo, diversos fatores a forçaram a adiar o desejo de ter um filho. “Eu pensava que precisava parar de jogar para poder ser mãe. Alguns motivos me levaram a esta decisão. Pesa o fato de o futebol feminino no país ser muito amador e com pouquíssimos clubes trabalhando com carteira assinada e os direitos trabalhistas. Eu jamais deveria colocar essa responsabilidade em cima do meu filho e de um clube, porque tenho certeza de que não teria respaldo”, afirma Marina, ex-companheira de Marta, Formiga e Cristiane, referências na modalidade.

Aos 21 anos, Tamires Dias ou Tata, como é conhecida a jogadora da Seleção Brasileira e do Corinthians, passava por um dos melhores momentos da carreira, quando descobriu que estava grávida. “Foram três dias seguidos de choro. Pensava que o futebol tinha acabado para mim”, conta a lateral, que ficou afastada dos gramados por quase quatro



Marina Aggio, ex-jogadora da Seleção Brasileira feminina, e seu filho Marcus

anos, em razão da gestação e, depois, para cuidar do filho Bernardo. No Mundial da França, Tamires foi a única mãe entre todas as atletas brasileiras. Além da pressão da gravidez, ela precisou enfrentar a falta de apoio dos times e a exigência do alto rendimento. A Europa não é modelo de gestão, estrutura, modo de jogo e organização apenas para os homens. Foi na passagem pelo Sjalevads IK, da Suécia, que a Marina entendeu a importância do acompanhamento ginecológico. Ela conta que durante várias conversas com especialistas da área, eles decidiram cortar o ciclo menstrual para não afetar o corpo dela nos treinos e o desempenho dentro de campo. “Entendíamos que era o melhor para mim naquele momento. Fisiologicamente, eu sempre estive bem estruturada, então ter o Marcus foi fantástico, porque não tive nenhum problema após o parto”, conta a ex-titular da Seleção Brasileira. Além disso, o time sueco contava com nutricionistas, fisioterapeutas, acupuntura e médicos, fator decisivo para uma futura boa gestação. No Brasil, de acordo com Marina, Corinthians, Santos e Ferroviária, time de Araraquara (cerca de 90 km de distância de Ribeirão Preto), são poucos os clubes que possuem estrutura adequada para atender às necessidades femininas e se preocupam com as funcionárias.

A REGRA NÃO É TÃO CLARA

Diferente de grandes empresas, as leis trabalhistas quase não chegam ao futebol feminino. Poucos clubes da elite do campeonato brasileiro têm contratos pela CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), ao contrário do que acontece no masculino. Dessa forma, direitos como a licença maternidade são deixados para trás. De acordo com o advogado, especialista na área desportiva, Bruno Galucci, este período concedido às mulheres empregadas que acabaram de ter um bebê afasta as jogadoras por 120 dias e não traz prejuízo salarial, como é previsto por lei. No entanto, para a maioria dos clubes, essas mulheres são consideradas amadoras. “Para eles [os times], elas não são profissionais. Sendo assim, elas não têm acesso aos direitos trabalhistas, como férias, décimo terceiro salário, recolhimento do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), direito de imagem e entre outros. Nesse sentido, as entidades esportivas não respeitam a CLT”, comenta. Ainda segundo Galucci, “nitidamente, os clubes que têm a base do futebol feminino e utilizam esse ‘amadorismo’, fica claro que eles tentam, de certa forma, afastar uma possível relação de trabalho”, diz. “Conseqüentemente, não cumprem os direitos trabalhistas, ou seja, eles criam uma máscara para tentar fraudar a legislação”, completa.

Para reformular o cenário negativo e criar uma própria identidade, as instituições esportivas têm apostado nas próprias mulheres para fazerem a gestão dos campeonatos. É o caso da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), que apresentou Aline Pellegrino e Duda Luizelli como coordenadoras, em setembro de 2020. Na FPF (Federação Paulista de Futebol), a coordenação também está sob o comando de uma mulher. Em entrevista à Revista Buzz, Ana Lorena Marche disse que “as federações brasileiras não possuem vínculo direto com as atletas”, mas afirmou que, no Estado de São Paulo, a entidade já pensa em mudanças. “Temos trabalhado constantemente para melhoria do campeonato e todo seu produto feminino, fazendo com que a gente possa pensar em algumas exigências de profissionalização com o tempo”, explica Ana Lorena.



Ana Lorena acredita que a profissionalização virá com o tempo

Atualmente, apenas quatro times cumprem os direitos trabalhistas das atletas. Para alcançar as mesmas condições da modalidade masculina, a coordenadora explica que “o caminho é a profissionalização dos campeonatos, o que deve acontecer nos próximos anos. Dessa forma, começam as equiparações e a garantia dos direitos trabalhistas e de formação”. Sobre os cuidados com a saúde das jogadoras, Ana Lorena reforça. “A recomendação é que todo departamento médico que trabalhe com as meninas saiba das especificidades do corpo feminino, que são enormes, não só com relação a uma possível gestação. É muito importante que o clube tenha acompanhamento ginecológico com as atletas”, conclui a coordenadora da FPF.

Carregar um filho e correr ao redor de cones em alta intensidade, ou até mesmo dar diversas voltas em um campo de pelo menos 45 metros de largura e 90 de comprimento, pode parecer inviável, contudo, é possível conciliar com ajuda de profissionais especializados. De acordo com a enfermeira obstetra, Bruna Infante, este acompanhamento é indispensável para proteger a saúde das atletas e do bebê. “Elas podem continuar treinando normalmente se a gravidez for de baixo risco. O que a gente aconselha é que as mulheres mantenham as atividades que elas já exerciam anteriormente”, explica. Mesmo sendo algo incomum, jogadoras de alto rendimento realizam exercícios diários que não prejudicam o corpo. Além disso, esse condicionamento traz benefícios na hora do parto e pós-parto.

Tie dye, as famosas peças “manchadas” e acessórios feitos a mão são as tendências pós pandemia

No contexto do coronavírus, com o isolamento social e as pessoas passando a maior parte do tempo dentro de casa, as tendências de moda misturaram o confortável com o fashion e influências de décadas passadas. O que se tornou uma febre foi o tie dye, peças de roupas manchadas e coloridas que podem ser compradas assim ou feitas em casa com tintas e até mesmo água sanitária. Várias celebridades e digital influencers, como a empresária americana, Kylie Jenner (@kyliejenner), e a brasileira Thássia Naves (@thassianaves), posaram no Instagram com conjuntos esportivos, que são diretamente ligados aos anos 90. Além disso, houve a popularização dos moletoms nos looks, com modelagens e estampas variadas, facilitando ainda mais combinações.

Para Maria Laura Barcelos, criadora de conteúdo digital focado em moda, no pós-pandemia, as tendências que podem seguir são as peças feitas à mão, com a valorização dos artesanatos, como acessórios e o próprio tie dye, além do investimento em peças mais confortáveis. “Já que acostumamos com o conforto, as marcas estão prezando por cortes e tecidos mais confortáveis nas peças, além dos tênis e sapa-

ROUPA MANCHADA NA MODA



Segundo Marina, looks com saltos mais altos, mangas bufantes e formais mais marcadas podem voltar com tudo

tos de salto baixo”. Já Marina Freire Casemiro, consultora de moda, enxerga esse futuro de looks minimalistas e confortáveis, todavia há uma linha mais maximalista que pode voltar com tudo, como saltos mais altos, mangas bufantes e formas mais marcadas. “Apesar da onda de saltos baixos, a galera está com fome de sair e curtir com salto alto, então umas pessoas vão continuar no minimalista, outras vão para o maximalista e outros até variar entre as duas tendências”.

Mas tendências primavera/verão 2020 prezam pelo conforto, segundo Camila Pinheiro, sócia-proprietária de uma loja em Ribeirão Preto. Ela enfatiza que as peças atuais possuem elásticos e tecidos práticos, casuais, com preço mais em conta, como a malha e a viscose. Com a parada dos eventos sociais, os tecidos mais “nobres”, seda, tafetá e chifon, por exemplo, que são utilizados em peças para essas ocasiões, não foram muito utilizados. “Uma característica que percebo nas confecções, é uma moda mais limpa, poucas estampas, poucas misturas de cores, algo mais clean”, comenta.



Looks com peças largas com uma pegada mais esporte e tênis são opções confortáveis e estilosas

TECNOLOGIA NA MODA

Também a tecnologia foi uma das ferramentas que mais auxiliou neste processo, tanto no designer, quanto na venda e até mesmo em desfiles. Por exemplo, os desfiles da Semana de Moda de Londres, em junho, foram transmitidos totalmente de forma digital em sua página, desta maneira o evento se tornou mais acessível. Eles influenciaram marcas e outros eventos a se adaptarem. No Brasil, ocorreu o “Brasil Digital Fashion Week”, em setembro, que conectou os varejistas e cerca de 200 mil marcas de todo país. O evento também ocorreu de forma on-line e permitiu que os atacadistas exibissem através de fotos e vídeos coleções do verão 2021. A grife italiana Diesel lançou uma plataforma digital de venda que possibilitou expor novos produtos, através de um display de 360°, o cliente pode ver as peças bem detalhadamente.

Com o auxílio da tecnologia, a empresa brasileira Dalila Têxtil, juntamente com a italiana Albin Group, desenvolveu tecidos capazes de repelir o vírus da covid-19. O tecido foi fabricado com partículas de prata para bloquear o vírus. O teste realizado pelo Laboratório de Virologia da UNICAMP teve um resultado com 99% de eficácia. Os tecidos com partículas de metal foram adotados por marcas fashion como a britânica Vollebak, com uma jaqueta de fios de cobre. Além disso, houve o aumento do e-commerce, a venda de produtos pela internet. Maria Laura lembra o caso da varejista têxtil espanhola Inditex, dona da rede Zara e Massimo Dutti, que por conta de um prejuízo de 409 milhões de euros, em três meses, fechou definitivamente cerca de 1.200 lojas. Com essa

média, pôde focar o investimento nas vendas on-line e em tecnologia para melhorar as demais unidades.

Não são todas as lojas que trabalham com o e-commerce. A loja de Camila Pinheiro, por exemplo, tem um público alvo adulto e idoso, que não está habituado a esse tipo de tecnologia e normalmente fazem ajustes nas peças. Por isso, a comerciante mantém uma costureira na loja. Camila focou a divulgação de novos produtos no Instagram, Facebook e WhatsApp, sem eventos de lançamento. As novidades foram apresentadas com filmagens e fotos produzidas dentro da própria loja. “Eu vejo que hoje qualquer evento, com poucas ou muitas pessoas, não era bem visto. Precisamos tomar muito cuidado para tentar atrair o público sem quebrar as regras de saúde”.

MODA ATRAVÉS DO TEMPO

Acompanhando os traços da história, sempre após alguma grande transformação no mundo a moda prosseguiu. Um grande exemplo foi logo após a Primeira Guerra Mundial. Muitos homens foram batalhar e as mulheres ficaram responsáveis por movimentar a economia, trabalhando fora, cuidando da casa e dos filhos. As peças de roupa se tornaram mais neutras, com toques masculinos, para facilitar as movimentações do trabalho e se tornaram mais confortáveis e práticas. Com isso, as calças se popularizaram entre as mulheres. Foi neste mesmo período que Coco Chanel, criadora da marca Chanel, lançou no mercado o *tailleur de jérsei*, um tipo de tecido leve que mudaria a indústria da moda.



Durante a quarentena os moletons foram muito utilizados por influenciadores



Tobias só atendeu clientes físicos

ATIVOS ATÉ NA PANDEMIA

Com a necessidade de cuidados redobrados, idosos que eram ativos encontraram meios de não ficarem totalmente parados na quarentena, seja trabalhando ou se entretendo com séries e filmes

A pandemia provocada pela Covid-19 alterou a rotina de todos, principalmente dos idosos que fazem parte do grupo de risco. Com isso, os que eram ativos sofreram ainda mais ao serem obrigados a ficar isolados em casa. Um estudo feito durante a pandemia e divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em maio de 2020, mostra que os idosos passaram a pensar mais na morte. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera idosa a pessoa que possui 60 anos ou mais. No Brasil, cerca de 13% da população fazem parte dessa faixa etária.

Durante a quarentena, alguns idosos não pararam totalmente as atividades, como a costureira Lour-

des Luchesi, de 79 anos. Ela consertava roupas na própria casa e com a chegada da pandemia não poderia mais atender os clientes como fazia antes. “Para marcar uma barra ou apertar alguma roupa tem o contato com a pessoa, então eu parei de fazer conserto”, disse a costureira. Lourdes viu nas máscaras uma saída para não interromper o trabalho, pois o acessório se tornou obrigatório na pandemia. No início, ela só fez máscaras para doar, mas começaram a chegar encomendas de empresas e de pessoas, foi aí que a costureira percebeu que não ficaria parada. “Antes com os consertos, eu trabalhava um pouco de manhã e depois à tarde. Ficava o dia inteiro fazendo máscaras, isso me distraía”, relatou Lourdes. As filhas compravam o tecido, os elásticos e as linhas usados na confecção.

MEDO DO VÍRUS

Assim como a costureira, o mecânico “faz tudo” Joaquim Tobias, de 74 anos, não parou totalmente

as atividades. “Atendia só os clientes fiéis, eu voltei ao normal em pouco tempo”, conta Tobias. De acordo com o mecânico, os trabalhos diminuíram bem, mas depois de meses de quarentena, as pessoas perderam o medo de se contaminar. Diferente de Lourdes, que não saía de casa nem para as atividades essenciais, o mecânico foi ao supermercado, à farmácia e outros lugares que são necessários, sempre tomando os devidos cuidados e, quando podia, optava pelo delivery. “Se eu tivesse ficado totalmente parado, trancado em casa, eu teria enlouquecido”, lembra o mecânico. Apesar do medo de pegar o vírus, ele tentou levar a vida o mais normal possível, se privando de reuniões com amigos e parentes, viagens e outras atividades que provocam aglomeração.

AULAS REMOTAS

Na área da educação, as aulas passaram a ser de maneira remota, mudando a rotina de alunos, pais e professores que tiveram que se adaptar. A professora de educação infantil Silvia Camargo, de 67 anos, conta que logo após o decreto do isolamento social, entrou em recesso escolar antecipado e só depois a escola em que trabalha se organizou para começarem as aulas e as atividades on-line. “No início, foi muito difícil, mas com o passar dos dias fomos, tanto eu quanto os alunos e pais, reaprendendo esse novo tipo de relação”, diz a professora. Segundo Silvia, que tem alunos que moram na zona rural, a maior dificuldade foi em relação à situação socioeconômica dos estudantes de baixa renda, a maioria deles com acesso limitado à internet. Com isso, a professora teve que se adaptar. Além dos obstáculos de conduzir atividades e aulas remotas, ainda tinha a dificuldade de cada aluno de aprender e acessar esses materiais. “Eu distribuía alguns exercícios impressos, outros pelo WhatsApp em forma de áudio ou vídeo. Tem mães que me respondiam de madrugada”, afirma Silvia. A professora conta que an-

tes da pandemia realizava outras atividades, como idas ao supermercado. Com o isolamento social, ela optou apenas pelo delivery e em outras tarefas recebeu a ajuda de familiares.

Do mesmo jeito que Silvia se protegeu, o carvoeiro Paulo Fantacini, de 64 anos, também seguiu as regras de isolamento. “No começo, a adaptação foi difícil, fiquei perdido, mas depois me acostumei a ver filmes, séries e isso ajudou um pouco”, relata o carvoeiro que cumpriu a quarentena corretamente. O produto de Paulo, o carvão, é muito utilizado em churrascos — atividade que ficou restrita durante a pandemia. “Como a carvoaria fechou logo no começo do isolamento, os itens vendidos foram os que tinham de estoque”, informa Paulo. Dos idosos, apenas o carvoeiro parou totalmente o trabalho e ele conta que com todo esse tempo em casa, entediado, o fez prometer de que não reclamaria mais de trabalhar todos os dias. A pandemia afetou o comportamento psicológico durante o isolamento e os idosos são os que se sentiram mais solitários nesse cenário. “Antes, a família toda vinha almoçar em casa toda a semana. Fiquei fazendo máscaras e vendo minhas filhas só alguns dias”, lembra Lourdes.



Lourdes encontrou uma saída produzindo máscaras

Foto: @managollo



Para Mana, fotografar é estar sempre em lugares felizes

UM REGISTRO À DISTÂNCIA

A maneira como os fotógrafos se reinventaram para lidar com a nova realidade, compensando a falta do contato presencial

Os fotógrafos descobriram novas formas de produzir sua arte. Estes profissionais tiveram que se adaptar à nova situação e as agendas foram radicalmente alteradas em um curto período de tempo. Os ensaios fotográficos mudaram de formato e, agora, em sua maioria, são realizados à distância por videochamadas, técnica antes pouco conhecida. Mas ainda existem aqueles profissionais que conseguiram encontrar uma saída e se reinventaram nos ensaios presenciais, que são realizados a céu aberto, com poucos integrantes e respeitando o distanciamento. É o caso de Mana Gollo, fotógrafa de ensaios, casamentos e estilo de vida. Antes de o isolamento social iniciar no Brasil, Mana estava viajando pela Ásia em uma expedição fotográfica e lembra que, apesar de o coronavírus já estar se alastrando, não imaginava a gravidade do assunto. “Eu retornei para o Brasil, fiz dois casamentos e a pandemia estourou.

Fiz uma super viagem, tive contato com o mundo inteiro e, de repente, voltei e tudo fechou”, relembra. “Agora, faço os ensaios de máscara e, se entro na casa da pessoa, estou descalça”.

Além da necessidade de adaptação imediata, estes profissionais precisaram lidar com diversos contratemplos, como cancelamentos e reagendamentos. Lídia Muradás, fotógrafa que aderiu aos ensaios fotográficos por videochamada, compartilha que, na primeira semana de quarentena, o chão sumiu. “Eu, realmente, fiquei muito triste porque tive alguns contratos adiados”. Mana, por sua vez, precisou lidar com diversos reagendamentos. “Foi uma semana que sei lá quantas noivas mandaram mensagens e todas priorizaram muito as fotos. Todas pediram agenda e foram muito queridas. Mas foi uma semana que eu falei ‘ferrou’”, conta. “O que eu mais sou apaixonada na fotografia é essa possibilidade de estar em vários lugares”. Agora, estar presente em todos os locais é um pouco mais complicado do que antes. “Confesso que, nessa pandemia, não me arrisquei a fazer ensaio on-line. Até recebi uma

proposta, mas recusei porque a minha abordagem é muito olho no olho”, diz Mana.

No momento da realização de um ensaio, o contato físico influencia no desempenho e até mesmo no material final. Lídia acredita que estar em contato ainda é a melhor forma de traduzir o momento. “Eu acho que existe uma ligação muito grande entre o fotógrafo e quem está sendo fotografado. O olhar, o sorriso, a direção”. A fotógrafa avalia que, em ensaios on-line, é necessário que uma terceira pessoa segure o celular e faça o estudo de cena. “Vou dando uma olhada e indicando os locais. Sinto muita falta de todo o processo porque a produção é uma coisa muito importante”, acrescenta. Para Lídia, o olhar do profissional contribui no escaneamento da área e isso, querendo ou não, acaba influenciando o resultado final. “Para a criação, você precisa dos elementos. Estou tentando me adaptar ainda”, explica a fotógrafa. Em contrapartida, Mana conta que a maior dificuldade, mesmo fotografando presencialmente, é não poder abraçar as pessoas. “A forma que você aborda e dá ‘oi’ para a pessoa já quebra o gelo. Se chego com um abraço, toda simpática, eu vejo que a pessoa fica confortável. Eu trabalho muito com movimento”, completa.

Para o ano que vem, em consequência do reagendamento que a pandemia acarretou, a agenda de Mana está cheia. “Todo dia eu digo ‘não’ para um novo casamento e isso dói o coração”. Mana conta que a média de casamentos que faz por ano é de 25. Em 2021, a agenda já tem 37 marcados. “Metade dessas datas são remarcações e muitos casamentos que eu iria fazer este ano foram marcados há um ano”. Por outro lado, embora a agenda esteja cheia, os valores da profissional mudaram e os orçamentos, definidos há um ano, não acompanharam essa mudança que as datas tiveram.

APRENDER PARA ENSINAR

Matheus Urenha, fotógrafo e professor de fotografia, precisou adquirir o conhecimento desta nova forma de fotografar para ensinar aos alunos. Ele afirma que a primeira referência que teve para aderir aos ensaios on-line foi vendo o trabalho do



Lídia aponta que, no on-line, existe uma barreira entre o fotógrafo e o fotografado

fotógrafo Jorge Bispo. Como professor, Urenha conta que, neste período, precisou manter o envolvimento dos alunos e “fazê-los acreditar que era possível continuar aprendendo e fotografando”. Agora, as aulas são mediadas pelo acesso remoto da câmera de Matheus. “Os alunos, na casa deles, acessam o meu computador. Minha câmera fica espelhada e eles fazem todos os ajustes de fotometria, de leitura de luz. Isso manteve a curva de aprendizado bem interessante”, diz. O fotógrafo afirma que alguns alunos abraçaram a causa com uma vontade muito grande. “Eles têm uma enxurrada de informações técnicas. No on-line, eles precisam saber adaptar a fotografia com o celular”. Para ele, a relação entre fotógrafo e fotografado aconteceu, com algumas barreiras, nesta nova forma de fotografar. “Ao mesmo tempo em que a relação carece do tête-à-tête, dessa liberdade, dessa construção que é muito legal, ela também aconteceu nesse novo formato. Mas a falta é essa coisa do concreto, do físico. Estar no mesmo ambiente que a pessoa”, finaliza.

RELATOS DE SOBREVIVENTES



Antônia Massonetto organiza instrumentos para mais um dia de trabalho

Profissionais da saúde e jornalista, que desenvolveu trombose pulmonar devido ao novo coronavírus, relatam a luta pela sobrevivência em meio à pandemia. A três pessoas aprenderam a dar mais valor à vida

O sentimento de estar à beira da morte em um hospital, com o organismo debilitado e sem contato com familiares é apenas uma pequena parte da experiência vivida por pacientes que desenvolveram um grave quadro de saúde devido à Covid-19, doença provocada pelo novo coronavírus. Após a infecção por Sars-CoV-2 (nome oficial do vírus que causou a pandemia de Covid-19), sobreviventes trazem à tona histórias de quando tiveram a resistência posta à prova. É o caso da instrumentadora cirúrgica Antônia Massonetto, de 66 anos, que precisou ser internada por duas vezes em função da Covid-19. A idosa, considerada grupo de risco por ter diabetes, começou a sentir, logo no início da pandemia, fortes dores no peito e dificuldade para respirar, além de baixa saturação de oxigênio.

O resultado do teste PCR, que detecta a presença do vírus no corpo humano através de haste flexível que retira material genético do nariz ou da garganta, apontou que ela estava infectada. Como os sin-

tomas ainda continuavam, Massonetto deu entrada na Santa Casa de Ribeirão Preto. Na primeira internação, ficou sob cuidados por quatro dias. “Logo depois da alta médica, já não conseguia nem levantar da cama. Nisso, precisei da ajuda de uma sobrinha que vive comigo para continuar com o isolamento. Fiquei sem ter contato com meus filhos e netos”, conta.

Sem apresentar melhora no quadro de saúde, ela voltou ao hospital uma semana depois, ficando internada por mais oito dias, na oxigenioterapia, sem precisar ser entubada. “[...] É uma situação horrível. Você fica deitada na cama apenas à espera da morte, porque não sabe quando vai reagir ou se terá de ser entubada”, descreve Antônia Massonetto. Curada, Antônia voltou a trabalhar e explica que as duas internações serviram para ela dar mais valor à vida. A idosa ainda alerta para os riscos da disseminação do coronavírus. “O povo não tem um pingão de noção do perigo. Não sabem como é duro permanecer em um lugar igual ao que eu fiquei. Todo o cuidado é pouco para evitar o contágio do vírus”, pondera. “Sempre fui uma pessoa que gostou de ajudar o próximo. Por isso, penso que devemos aproveitar mais a vida, porque ela passa em um piscar de olhos”, comenta.

Foto: @williandiezfotografia



Técnica em enfermagem, Fabiana Gabaldo precisou ficar oito dias internada

Assim como a instrumentadora cirúrgica, a técnica em enfermagem Fabiana Gabaldo, 43, também vivenciou a experiência de se tornar paciente em meio à pandemia. A profissional, que trabalha no HC (Hospital das Clínicas) de Ribeirão Preto, atuando na linha de frente no combate ao novo coronavírus, começou a sentir os primeiros sintomas ainda no começo da crise sanitária. De início, contudo, ela pensou que seriam apenas sinais de uma suposta sinusite. O teste positivo para a Covid-19 veio uma semana após o início da falta de ar, dor de cabeça e diarreia. Por ter asma, a técnica faz parte do grupo de risco da doença. Ela acabou ficando oito dias internada na UETDI (Unidade Especial de Tratamento de Doenças Infecciosas) do HC Campus de Ribeirão. “Quando estive lá [na UETDI], felizmente não tive nenhuma complicação, sem precisar de oxigênio ou ser entubada. Tive, contudo, uma obstrução pulmonar, além de muito cansaço até mesmo para conversar, assim como dor de cabeça e tremores”, afirma. Depois que recebeu alta do hospital, Fabiana foi afastada por um mês até se recuperar totalmente. De volta à linha de frente no combate ao coronavírus, a profissional ressalta o zelo pela vida. “A Covid-19 é uma doença grave. Nem todos que pegam conseguem sobreviver. Essa enfermidade me fez ver que precisamos valorizar e agradecer pelas mais simples ações, pois tive dificuldades até mesmo para tomar banho. [...] Foi uma luta que, graças a Deus, eu consegui sair vitoriosa”, celebra.

A vitória sobre o novo coronavírus também é motivo da felicidade para Gabriela Dias, jornalista de 24 anos.

Sem sofrer de nenhuma doença pré-existente, a jovem desenvolveu trombose pulmonar em função da Covid-19. “Em junho, começaram os primeiros sintomas. Senti a respiração diferente, com aquela sensação de ‘puxar o ar e não vir’, sabe? Mas, não cheguei a sentir falta de ar, propriamente dita”, explica Gabriela. Após cinco dias, a jornalista constatou a infecção por teste PCR. A profissional da área da comunicação relata ter sentido fortes dores de cabeça, coriza e dor de garganta, além da perda do olfato e dor nos olhos. No décimo dia após a confirmação, teve febre e dor no peito, o que a levou a ser internada por quatro dias em um hospital. Apesar das complicações, a jovem ainda não sabe se a Covid-19 comprometeu parte do pulmão. Gabriela toma anticoagulante diariamente em tratamento que deve se entender até 2021. “Nos primeiros dias da internação, meu emocional ficou extremamente abalado. Eu chorava muito. Depois, enquanto via melhora nos resultados dos exames, fui me sentindo mais calma e confiante. Acabei sendo muito bem amparada pela equipe hospitalar, com informações claras em relação ao meu estado, o que me ajudou bastante. Sempre fui uma pessoa muito consciente sobre a fragilidade da vida, mas quando tive, de fato, a vida ameaçada, do jeito mais palpável possível, essa consciência aumentou. É como se eu tivesse recebido mais uma chance, e isso ressignifica o valor que dou a tudo”, acrescenta Gabriela.



Jornalista Gabriela Dias reavaliou o sentido da vida



UMA BARREIRA CONTRA O VÍRUS

Em decorrência do vírus, a máscara se tornou obrigatória dentro das empresas

O uso de máscaras causa controvérsias, mas se tornou obrigatório dentro das empresas. O novo acessório também modificou o visual das pessoas.

Em julho deste ano entrou em vigor a Lei Federal n.º 14.019, que torna obrigatório o uso de máscaras de proteção facial em espaços de uso comum, em veículos de transporte coletivo, e em locais privados acessíveis ao público. Desde então, a população, juntamente com as grandes e pequenas empresas, precisou se adaptar às novas mudanças decorrentes da pandemia. A Lei determina que o poder público e o judiciário devem regulamentar o que foi levantado no artigo, inclusive em relação a multas pelo seu descumprimento. Em São Paulo, a multa para pessoas sem máscara em locais públicos foi fixada em R\$ 524,59. Já estabelecimentos com funcionários e clientes sem a proteção podem pagar até R\$ 5.025,02 como penalidade.

Vale ressaltar que as empresas também estão atentas às políticas de obrigatoriedade do uso de máscaras no ambiente de trabalho, no seu entorno e qual ou quais as sanções em caso de descumprimento das regras. Cláudia Valéria da Costa Garcia, diretora de uma empresa de publicidade e propaganda visual de Rondonópolis, Mato Grosso, realiza reuniões frequentes com os funcionários e colaboradores para reafirmar as orientações sobre a necessidade e importância do uso correto das máscaras e do distanciamento social. “Em nossa empresa, vamos além do uso das máscaras como prevenção. Reforçamos a utilização constante de álcool em gel 70%, bem como a lavagem das mãos regularmente e o distanciamento social. Não só em atendimento às leis e decretos, mas pelo bem de cada um”, diz Claudia Valéria.

A OBRIGATORIEDADE DO USO CORRETO DAS MÁSCARAS

De acordo com a diretora, além de reforçar as normas de segurança cobradas pela lei, o colabo-



Atendimento ao cliente seguindo as normas de segurança

rador que desobedece às regras, recebe uma advertência verbal, depois escrita, e até mesmo uma suspensão. Cláudia Valéria explica: “esperamos não chegar às últimas consequências, à demissão por justa causa, ou seja, falta de obediência da lei para o bem coletivo”. Segundo o advogado Daniel da Costa Garcia, leis federais fiscalizam a obrigatoriedade do uso de máscaras durante a pandemia em todo o território nacional, sendo que cada Estado e Município criaram determinações. “Virou uma verdadeira salada”, completa o advogado. A situação só vai mudar com a chegada da vacina, pois mesmo que não signifique diminuir a contaminação, ao menos diminui os riscos de se tornar uma doença tão grave no sistema imunológico dos pacientes. Até lá, o uso correto da máscara continuará sendo necessário no país.

A MUDANÇA NO COTIDIANO DAS PESSOAS

Em outros países, o costume de usar a máscara quando alguém está doente já era comum mesmo antes do surgimento da Covid-19, mas no Brasil

foi somente em decorrência do vírus que a máscara se tornou um dos acessórios obrigatórios para que o convívio entre pessoas seja seguro. Como estudante de odontologia e ex-enfermeira, Carolyne Pádua, afirma que há vários tipos de máscaras, inclusive aquelas “com poder maior de filtração e consequentemente maior proteção, como a N95, a PFF2 e suas variações”, usadas por profissionais da saúde, até porque também são mais caras, o que dificulta o acesso para a maioria da população. “Então, o uso da máscara descartável comum acaba sendo bem mais frequente”.

O uso de máscaras provoca grandes mudanças no cotidiano das pessoas, tanto no que diz respeito aos cuidados no uso, quanto na higienização, além de um certo desconforto e alterações da estética. Ainda segundo Carolyne, o uso das máscaras na prevenção contra a Covid-19 é um importante aliado no combate ao contágio, uma vez que se trata de uma doença que tem a via respiratória como a principal fonte de contaminação.



A ARTE DE “PASSAR O CHAPÉU”

Longe dos palcos, Thais Foresto apostou em lives para continuar o trabalho na pandemia

Além do cancelamento de eventos e da crise no setor cultural causada pelo coronavírus, a pandemia despertou a necessidade de valorização do artista

Com aglomerações proibidas, os artistas viram de uma hora para outra praticamente todos os trabalhos presenciais serem cancelados. O que pegou a população mundial de surpresa foi um baque ainda maior para os profissionais da área da cultura. Afinal, como fazer arte sem plateia, por menor que ela seja? Foi exatamente isso que eles tiveram que descobrir em pouco tempo. Disposta a arrancar gargalhadas, Zóia prepara a maquiagem, arruma o cabelo, veste o terno azul, a saia florida, coloca o nariz vermelho e entra em cena. Apresenta-se ao público, e como em um passe de mágica, transforma a tristeza em alegria. A única diferença é que a plateia agora ri em casa, assistindo ao espetáculo pelo celular.

A palhaça é uma das personas da atriz, cantora, compositora e produtora musical ribeirão-pretana Thais Foresto, que, com a pandemia, viu a neces-

sidade de reinvenção bater à porta. Antes acostumada com o riso e as expressões da plateia, agora faz os números pela internet, por meio de lives e apresentações virtuais. A artista conta que trabalhou o dobro para entender o mecanismo on-line e encontrar uma forma de não se desconectar do público, o “termômetro” do espetáculo, segundo ela. “O artista precisa da plateia e é bem estranho ficar sem contato direto. Na internet, você vai fazendo o repertório ali sem entender o que as pessoas estão precisando, o jogo fica muito frio”, diz.

Como uma forma de fornecer riso e alívio nessa fase tão difícil, a artista criou o programa “Dicas e Titicas”, uma realização da “Cia Nós Mesmos que Somos a Gente”. Thais fundou a companhia junto ao companheiro, Aloander Oliveira, que também é o palhaço Lombriga. Disponibilizados no Youtube e no perfil da dupla de palhaços no Instagram, os episódios bem-humorados mostram a busca de Zóia por uma “reinvenção” do “ficar em casa” em meio à pandemia. “Foi uma forma de eu continuar estudando a palhaçaria. Deu certo, as pessoas abraçaram.



Precy foi a primeira Capitu da websérie “Capitu Negra”

ocupação, com a Cia Quadro Negro e o Grupo Teatral Diti-rambo, a artista viu, ao lado dos companheiros de equipe, a realização de espetáculos teatrais em ruas, prédios abandonados e galpões não ser mais possível diante da atual realidade. Produtores de um espetáculo que se adapta a qualquer lugar, os atores tiveram que aprender a fazer arte usando novas ferramentas: a câmera do celular e uma parede em branco. Essa foi a ideia inicial do projeto “Capitu Negra”, desenvolvida pela Cia Quadro Negro durante a pandemia. A websérie de sete episódios nasceu de uma provocação do diretor Washington de Paula, que sugeriu que os atores produzissem vídeos caseiros, propondo uma releitura do livro “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. O objetivo foi trazer uma nova perspectiva a uma das personagens mais famosas da literatura nacional. “Cada um propõe a sua visão sobre ‘quem eu sou?’ dentro da obra do Machado e nós temos nove Capitus negras” explica Precy. Usando brincos grandes e chamativos, um olhar marcante e a história como mulher negra, a artista deu início à série de episódios apresentados ao público.

Ficou muito legal em questão de estudo e pretendo continuar com o programa mesmo depois que tudo voltar”.

Quem também entende de alegria é o cantor, compositor e percussionista Carlos Tampa. Pernambucano, sempre coloca a plateia para dançar ao som do animado forró, apresentando músicas autorais ou covers de artistas como Alceu Valença e Luiz Gonzaga. Locais como a rua, o Theatro Pedro II e o SESC eram palcos frequentes do artista, que adotou há 30 anos Ribeirão Preto como lar. Longe do calor do público, atualmente aposta em lives para levar um pouco da cultura nordestina à casa das pessoas. “Minha perspectiva é usar a internet para espalhar uma música nordestina, brasileira, latino-americana e global, sendo eu mesmo e usando elementos importantes para fazer música: simplicidade, humildade, dúvida e a sede”, pontua o artista.

A atriz Precy também passou por um processo de reinvenção. Atuante no teatro de



Há 30 anos, o músico pernambucano Carlos Tampa faz os ribeirão-pretanos dançarem o animado forró nordestino



Precy também precisou se reinventar

Uma vaquinha virtual foi lançada junto ao projeto, mas a arrecadação de recursos financeiros está sendo lenta, segundo a atriz. “Se estivéssemos fazendo os espetáculos presencialmente, provavelmente já teríamos captado. Está sendo bem difícil”, acrescenta.

VALORIZAÇÃO DA ARTE

Diante do cenário de incertezas e de preocupações, Carlos Tampa percebe que a cultura foi a grande responsável por proporcionar alívio. “De uma hora para outra, todo mundo ficou temeroso e as pessoas perceberam que a arte poderia dar uma pitadinha de alegria dentro de casa. Com isso, elas começaram a optar por consumir arte e assistir lives até de quem não gostava”. Mesmo diante das dificuldades impostas pela pandemia, Thais Foresto analisa a situação de maneira semelhante ao músico. Segundo ela, o isolamento trouxe à tona uma conscientização que há muito tempo não era

colocada em prática. “As pessoas passaram a entender que precisam da cultura e que tudo o que elas consomem, de lives, vídeos na internet, músicas em dispositivos e séries, foi essencial para o entretenimento e a manutenção da saúde mental nesse momento. Acho que foi benéfico para compreender que a arte é importante e voltar a valorizar essa área, além de entender a importância do consumo e de pagar o artista pelo seu trabalho”, comenta. Assim como Tampa e Thais, a atriz Precy também acredita que houve uma valorização da cultura durante a pandemia, mas teme que a conscientização sobre a importância dos artistas seja apenas uma questão do momento. “Tudo a gente discute, dá rapidamente uma importância muito densa e logo aquilo se esvai como se nada tivesse existido. No Brasil, há uma dificuldade em entender que o artista também é um trabalhador, assim como qualquer outro. Ver e não enxergar não adianta nada”, finaliza.



RESGATE DA HUMANIDADE

Lauani Meira

Ver praticamente todos os trabalhos presenciais serem cancelados e ter que pensar em uma nova forma de fazer arte. Para os profissionais da cultura, a pandemia trouxe, além de todas as incertezas presentes no momento, a necessidade de reinventar-se sem saber ao certo como. Para dificultar, a solução precisava surgir de uma hora para outra. Por mais que os profissionais da arte sejam, geralmente, criativos, não foi uma tarefa nada fácil.

Ao fazer arte “sem plateia”, os artistas exemplificaram perfeitamente a transformação que a pandemia trouxe à vida humana. Não há mais contato físico, as relações humanas esfriaram. Nesse sentido, e em tantos outros, a arte foi salvadora. O artista precisa do público, é fato. Mas, o público precisa ainda mais dele. As pessoas precisam sentir-se humanas, encontrar sentidos, desconstruir verdades e a arte é a principal responsável por despertar esse sentimento de inquietação (e por que não dizer “revolução”?).

Imagine passar por todo o momento de tensão originado pela pandemia sem assistir sua série preferida, ouvir música, rir com a apresentação do palhaço que você encontrou no YouTube por acaso. Imagine passar o dia sem ter algo para relaxar, trazer alegria ou até mesmo instigar questionamentos. Essa seria exatamente a vida da sociedade sem a presença da cultura. No contexto da pandemia, a arte foi a luz, a responsável por resgatar a sensibilidade humana. Trouxe alívio, felicidade e esperança.

O momento atual contribuiu também para a democratização da cultura, já que agora ela está acessível a quase todos. Em um passe de mágica, temos arte em nossas mãos, literalmente, podendo acessá-la pelo celular ou computador. O contexto que aparentava contribuir para o afastamento do público, aproximou-o ainda mais, o que é um ponto positivo. Diante do momento de incertezas, muitas profissões mostraram-se essenciais, como médicos, jornalistas e enfermeiros. Os artistas, sem dúvida, não ficaram de fora.



MORANDO NO FRONT

Daniel Moreira

O ano de 2020 foi uma batalha para todos, cada vez mais parece que as casas se tornaram o próprio front de batalha. Mesmo nesses tempos incertos, se esperava que as pessoas fizessem o mesmo trabalho da mesma maneira que faziam antes do novo normal começar. Os dias se tornaram tão longos, passamos a viver em um espaço indistinguível da própria casa, junto com as medidas de distanciamento social que impediram a convivência com os entes mais queridos. Muito se perdeu este ano, foram poucas as ocasiões em que se podia encontrar e se reunir com as pessoas mais próximas. Passar por tempos desesperadores com a ausência de quem mais se gosta foi uma das maiores crueldades da quarentena.

Foi uma guerra onde não se podia se celebrar as próprias vitórias, apenas continuar lutando sem hora para descansar. E mesmo com todas as pessoas enfrentando suas próprias batalhas é impossível saber até quando isso vai durar. Observa-se em muitos lugares que já abriram, a necessidade de fechar de novo, nublando o final dessa jornada, pois mesmo quando as cidades forem liberadas novamente, é impossível saber se um aumento de casos forçará tudo a voltar ao velho novo normal. A grande questão é que as pessoas não suportam viver sozinhas, a necessidade de companhia é tão importante para o ser humano quanto comer e dormir. Para alguns, é melhor adoecer com os amigos do que viver só em casa.

E assim vimos o povo festejar, fazer churrascos, ir a balada clandestina, até mesmo aniversários com toda família. Além de arriscar a própria vida, colocaram a família inteira em perigo. Os kits de festas enviados por delivery e os bolos foram os itens mais vendidos pelos aplicativos de entrega. Mesmo em meio à pandemia, o brasileiro sente a necessidade de se reunir e comemorar. Mas talvez essa seja a natureza humana, não conseguir viver sem a companhia de outras pessoas. Estar em um ambiente isolado é tão artificial quanto as ruas e os bares fechados para proteção de todos. Entretanto, isso vai contra o inerente impulso de contato que o homem demanda.

Manter ou não o home office, após a pandemia, é uma decisão que vai depender de como a empresa pode ganhar com isso

Colocar na balança os prós e contras. Essa é a dica do professor de economia Fábio Augusto Reis Gomes sobre o home office. A tendência, que ganhou força na pandemia de COVID-19, tem interessado aos mais diversos setores empresariais, agradando tanto ao comércio, quanto à indústria. Patrões e colaboradores têm abraçado a nova experiência e enxergam um futuro próspero. Entretanto, há cautela no bater o martelo sobre adorar o expediente em casa e odiar o escritório. Segundo uma pesquisa conduzida pela FIA (Fundação Instituto de Administração), 94% das empresas aprovam o home office. Porém, apenas 30% delas têm a intenção de continuar com esse modelo de negócio após o término da pandemia. Os dados foram colhidos, em abril de 2020, com mais de 130 corporações brasileiras de grande, médio e pequeno porte.

O professor do Departamento de Economia da FEA-RP/USP (Faculdade de Economia e Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto), Fábio Gomes, observa que a decisão de manter

O HOME OFFICE VEIO PARA FICAR



A pandemia promoveu uma desocupação de prédios

ou não os colaboradores em home office é uma escolha que tem que ser tomada pesando as vantagens e as desvantagens para quem contrata, que costuma buscar o melhor em desempenho e em produtividade, visando à maior economia e conseqüentemente ao maior lucro. Gomes destaca que talvez seja necessária a criação de alguns benefícios que hoje não existem. “Se meu cartucho de tinta da impressora acaba enquanto estou na USP, vou ao almoxarifado e pego outro. E quando se trata da impressora em minha casa? Eu vou à USP ou compro outro cartucho? Questões como essa precisam ser analisadas pela iniciativa privada. O patrão tem redução de custo, mas o funcionário tem gastos. Faria sentido que parte dessa economia fique com a empresa e outra parte se reverta ao funcionário para que ele tenha boas condições de trabalho”, comenta o professor. Para o funcionário que está em home office, uma ajuda de custo com internet e

energia passa a ser uma necessidade, uma vez que trabalha em local apropriado. Esses custos não estariam inclusos em suas despesas.

A monitora de qualidade, Jéssica Blandino, 28, que atualmente está em home office, diz que a empresa forneceu as ferramentas necessárias para a função, entretanto, houve um aumento na conta de energia e ela espera ter uma ajuda financeira sobre isso. Fábio coloca um ponto importante sobre o gasto de energia. Quem trabalha em escritórios ou em salas comerciais, por exemplo, normalmente possui, além de todo o aparato necessário para o desempenho da função, algo que em tempos de clima muito quente, ajuda a amenizar a sensação de abafamento, deixando o funcionário mais confortável, fazendo com que ele possa ser mais produtivo: o ar condicionado. “É algo que pesa bastante na conta de energia, mais uma vez entra aí a possível ajuda de custo da empresa para o empregado”, reforça Gomes. Além do aumento no valor da conta, existe também a parte de desempenho dessa questão. Quem passa, de um local refrigerado, a trabalhar na própria casa, por vezes sem ar condicionado, pode sentir uma queda na produtividade, principalmente em épocas de calor intenso. Para o professor, é mais um dos elementos que deve ser colocado na balança, tanto do trabalhador quanto da empresa.

Para o funcionário, existem certas consequências do home office. Jéssica comenta que prefere o home office, pois “o ambiente de trabalho pode ser bem estressante. Além disso, posso descansar mais no horário de almoço. Antes não era possível vir para a casa. Também acordo mais tarde e encerro o expediente mais cedo”. Por outro lado, volta a preocupação com a produtividade. A monitora de qualidade conta que no início a empresa teve dificuldades para se adaptar. “A partir do momento que se iniciou o home office, a demanda de serviço aumentou bastante dentro da equipe. Porém, os prazos continuam sendo cumpridos, sendo assim vejo que a minha produtividade melhorou. Com relação à empresa de modo geral, houve certa queda no início, mas com o tempo e as adaptações necessárias uma expressiva melhora aconteceu, pois mesmo durante o momento de pandemia, as contratações continuam e os bons resultados também.” A adaptação aconteceu de forma tão natural que, caso seja



Oferta de imóveis para alugar aumentou na hora de empreender

possível e necessário, a funcionária pretende continuar trabalhando em casa, mesmo em outro lugar.

Mas será que isso tende a acontecer no futuro? Para Gomes, sim. As empresas que, no futuro, permanecerem nesse novo modelo de negócio, buscarão contratar pessoas que já trabalharam ou estão materialmente preparadas para desempenhar a função em casa. “A longo prazo, quem contrata já vai procurar uma pessoa que aceita home office. Quem tem esse perfil e uma residência já estruturada para o home office terá mais facilidade de conseguir emprego”, afirma o professor de economia.

Há também quem adotou a modalidade e teve queda nas receitas. É o caso da firma onde a auxiliar administrativa Carine de Souza, 32, é funcionária. “Minha produtividade não teve alteração, mas o negócio teve uma queda em vendas.” Sobre a possibilidade de adotar esse meio de trabalho, caso a pandemia não ocorresse, a auxiliar relata que “mesmo com a resposta positiva da equipe, acredito que por preconceito, ou até mesmo por falta de experiência nesse formato, dificilmente teria sido implantado”.

Já pelo lado jurídico, a advogada Nathalia de Araújo Santos aponta que, pela lei, é obrigação do empregador, assim como da empresa de Jéssica, fornecer os equipamentos necessários para o trabalho a ser realizado. “A CLT prevê que caso o funcionário não tenha os instrumentos necessários para trabalhar em casa ou, por exemplo, a conta de energia ter um aumento, que antes do home office ter início não acontecia, o empregador é obrigado a arcar com os custos que viabilizem o bom andamento laboral”, acentua a advogada. Como nem todas as ferramentas necessárias foram fornecidas pelas empresas, existem também questões sobre possíveis danos que possam acontecer com os equipamentos do próprio trabalhador. Além de serem passíveis de processos trabalhistas, pela falta de controle de hora em que o colaborador inicia e encerra o expediente. “Se houver algum dano material na ferramenta que ele (empregado) utiliza para o trabalho e for de propriedade própria, ele poderá pedir o ressarcimento, mas cada caso é um caso. Sobre o controle de horas, algumas organizações possuem controle de ponto, o próprio sistema registra quando o funcionário ficou on-line e off-line, assim controlam o expediente”, explica Nathália. O professor da USP lembra ainda que a decisão de permanência ou não em home office, dependerá de vários fatores, mas que a última resposta deve, logicamente, partir de quem contrata. É o empregador quem analisa as vantagens e as desvantagens de manter toda a equipe, uma parte ou nenhuma, trabalhando em casa, objetivando o sucesso da empresa.



Fábio Gomes: empresas vão valorizar profissionais que tenham experiência no home-office



REFLEXÃO DE VIDA

Lucas Madeira Dias

Desde o começo da pandemia por conta da COVID-19, nós, seres humanos, sabíamos, uns mais que os outros, que haveria, no futuro próximo, grandes mudanças em nossas vidas. Uma dessas mudanças aconteceu e vem acontecendo no nosso modo de trabalho. O home office ou trabalho em casa está mais presente do que nunca no atual momento. Um modelo diferente de enxergar a relação entre o descanso e o emprego, que agora passa a ter os dois restritos ao mesmo espaço.

O tema envolve a lei, a economia, a autossuficiência ou não dos empregados e outros aspectos. Além disso, há também os desdobramentos dessa nova rotina, tanto por parte do empregador, quanto por parte do empregado. Ainda não estão bem definidos quais os próximos passos no que diz respeito à lei para o home office. Algumas perguntas insistem em continuar sem resposta. O aspecto da economia precisa ser melhor analisados. Muitas pessoas e empresas podem perder com o home office. O sistema imobiliário, por exemplo. Muitas vezes, somente o lado positivo do trabalho em casa é abordado, mas na reportagem nesta edição da Buzz também são relatados os impactos negativos que podem surgir desse modelo.

Embora a pandemia tenha dado o grande empurrão para que muitas empresas adotassem o tipo “anormal” de trabalho, o agora “novo normal” pode ser posto em prática, mesmo após o fim do período de confinamento mais severo. Ainda que a vacina contra a doença do novo coronavírus chegue, alguns empregadores entenderam que o trabalho em casa é um jeito de obter maior produtividade e até mesmo maior lucro, com cortes de despesas. A decisão de permanecer ou não em home office é, claramente, da empresa. Porém, o empregado tem o direito, caso não se adapte, de encontrar o melhor caminho para ele, mesmo que isso talvez seja fora da empresa atual.

Acredito que, por esses e outros motivos ainda a serem debatidos e até mesmo descobertos, a pauta “home office” deve estar em alta nos meios de comunicação. Pois, somente assim, debatendo a ideia, é que chegaremos ao melhor caminho para que haja um pequeno aproveitamento das raras coisas boas que este momento extremamente difícil trouxe aos seres humanos.



FACES DA MATERNIDADE

Ana Feoli

Devido a pandemia causada pelo novo coronavírus, desde o começo de 2020 toda a população mundial teve que se readaptar a uma rotina de isolamento social. Com isso, todas as esferas sociais foram atingidas por novidades negativas e positivas. Para quem estava passando pela primeira gestação, o susto foi grande. Tudo aquilo que era sonhado e esperado foi deixado de lado e novos hábitos tiveram de ser descobertos a partir das novas vivências.

Mães de primeira viagem se viram num cenário nunca antes vivido por suas mães e avós, o que gerou uma ansiedade a mais nessa fase da vida que já é cheia de sentimentos.

Em “Maternidade por trás das máscaras” mulheres relataram esse momento único em tantos sentidos. Cada uma viveu a etapa de forma singular, mas com muitos pontos em comum. A falta de contato com familiares e amigos foi um obstáculo difícil de ser superado por todas.

O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Porém, a maternidade é mágica e sempre proporciona boas experiências, mesmo diante do caos. A relação dos pais com os filhos nos primeiros meses de vida foi intensificada devido ao desacelerar do trabalho e a presença do home office.

Essa proximidade e conexão geradas nesse momento tão exclusivo para a família irá influenciar na formação de cada criança.

Por mais que novos desafios tenham sido criados, todos sairão diferentes desse momento de pandemia. Tantos medos e inseguranças moldaram o caráter e a vivência de toda população e criaram uma nova pessoa nesse momento único. Diante disso, todos que passaram por esse momento são vencedores, afinal, há muitas gerações não se passava pela maternidade diante de uma pandemia tão longa como essa.



QUEM SOBREVIVEU

Igor Abreu

Se por um lado o novo coronavírus vitimou centenas de milhares de pessoas em todo planeta, por outro serviu para sobreviventes identificarem o próprio limite e darem novo significado à vida. Além de fazer milhares de vítimas ao redor do mundo, a pandemia do novo coronavírus escancarou governos com políticas negacionistas e desgarradas da ciência, importante aliada no combate à propagação da Covid-19 (doença provocada pelo vírus). A crise global, por outro lado, também inspirou a mudança de vida de pacientes que conseguiram sair vitoriosos da luta contra o Sars-Cov-2 (nome oficial do vírus que causou a pandemia em 2020).

Exemplos podem ser observados na matéria “Relatos de Sobreviventes”, da Revista Buzz 2020. No texto, uma das entrevistadas, a instrumentadora cirúrgica Antônia Massonetto, de 66 anos, conta que ficou “apenas à espera da morte” em uma cama na Santa Casa de Ribeirão Preto, onde passou por duas internações, em um total de 12 dias logo no início da pandemia. A idosa, que sofre de uma comorbidade que a põe como grupo de risco da Covid-19, ressalta uma mudança comportamental depois de quase cruzar o limite da vida. “[...] Penso que devemos aproveitar mais, porque ela [vida] passa em um piscar de olhos”, comenta. Em “Relatos”, a técnica em enfermagem Fabiana Gabaldo, 43, também expõe a experiência vivida por ela durante a crise sanitária. A profissional da saúde, que trabalha na linha de frente no combate à Covid-19 em um hospital ribeirãopretano, teve que se afastar das atividades após a contaminação. “Ela [Covid-19] fez eu ver que temos que valorizar e agradecer pelas mais simples ações, pois tive dificuldades até mesmo para tomar banho”, argumenta a técnica.

Todos os relatos trazem à tona a conclusão de que a gravidade do novo coronavírus jamais deve ser subestimada. Como lição, fica a experiência de que, para dar um novo significado à vida, não é necessário estar à beira da morte. A mudança pode começar agora. Basta apenas querer. Este “passo adiante”, contudo, deve respeitar a segurança de si mesmo e das demais pessoas, para que “novos normais” não se tornem tão comuns assim.



FOME DE IGUALDADE

Na Vila União, famílias utilizaram de carrinhos e carruolas para transportar as cestas

Em Ribeirão Preto, a procura por cestas básicas distribuídas pelas ONGs cresceu durante a pandemia da Covid-19. Uma entidade assistencial revelou que o número de pessoas precisando de alimentos se multiplicou por 10

Debaixo do sol em um chão coberto pela terra, uma fila indiana se forma. A maioria são mulheres, de pele morena, algumas acompanhadas de crianças. A espera é questão de necessidade, o recebimento de cestas básicas. Conforme relatos de algumas ONGs de assistência social de Ribeirão Preto, a demanda pela busca de ajuda multiplicou. Segundo a Resolvi Mudar, durante a pandemia do novo coronavírus, os kits entregues subiram 1.000%, o que era de 80 passou a 800. Nas palavras de Paula Domenichelli, coordenadora da entidade existente há nove anos, apesar de não suprir totalmente a necessidade de uma família, a ação acende a espe-

rança nas pessoas de que dias melhores virão, mas completa que muitos, antes empregados e agora demitidos, “têm vergonha de estar nessa posição de precisar pedir o que comer”. A mão de obra mais atingida foi a do setor de serviços, justamente a que mais emprega no município.

Geralda Rodrigues da Silva e Caroline Roberta de Cordeiro representam esta mesma realidade, a falta de renda. A primeira, mora com mais nove pessoas em sua casa, tirava seu sustento da coleta de reciclagem pelas ruas da “califórnia brasileira”, porém devido aos problemas de saúde, como diabetes, hepatite e frequentes pneumonias, deixou de fazê-lo. Já seus filhos, como consequência da crise sanitária, perderam seu ganha pão de serventes de pedreiro. A segunda, que espera seu terceiro filho, está desempregada desde março, assim como o marido. Ambas afirmam que, se não fosse o recebimento dos alimentos da Amigos que Fazem o Bem, não teriam o que comer. Dona Geralda, marcada pela vida com 59 anos casou-se aos 14 e

vive de ajuda. Para ela “não é justo a gente comer e deixar alguém com fome”, por isso, já recusou alimentar-se para dar aos familiares. Atualmente, a senhora vive na comunidade Recreio Anhangueira, que diante do silêncio sorridente de setores da sociedade, abriga 44 famílias, sem saneamento básico. No local, algumas casas, são semelhantes a quadrados de madeira e outras, além de abrigar pessoas, comportam cães e galinhas. Apesar disso, no meio das incertezas, os que lá residem tentam nutrir-se da palavra que sai da boca de Deus, com a construção de uma pequena igrejinha. Já Caroline, de 28 anos, reside na Vila União, enquanto não conseguia auxílio, vivendo o drama do dia seguinte, a mãe, que mora em outra comunidade e a Associação de Moradores estenderam a mão para ela. A jovem, por imposição da vida, não comia mais carne e conta que, “às vezes, não tem nem pão para dar para eles [filhos]”.

Contudo, não são todos que conseguem ser atendidos de maneira imediata. A lista de espera da instituição que ajudou as moradoras que antes ficava em torno dos 15, chegou a se aproximar dos 300. De acordo com o Cadastro Único da Prefeitura de Ribeirão Preto, há cerca de 30 mil habitantes da cidade em situação de extrema pobreza (renda per capita mensal até R\$89) e 11 mil em situação de pobreza (até R\$178). Diante deste cenário o poder público tenta dar sua contribuição. Segundo dados fornecidos pela própria entidade, de março a setembro, foram doados, uma média aproximada de 4,5 mil cestas básicas por mês através dos Centros de Referência de Assistência Social (Cras), além do Programa de Apoio Alimentar.

Os programas estão de acordo com a Constituição Federal que, logo no seu texto inicial, indicador do sentimento que inspirava os constituintes, se compromete com a eliminação das desigualdades garantindo também os direitos individuais e sociais. Este compromisso foi reafirmado diversas vezes em vários artigos, colocando até mesmo como competência conjunta da União, Estados e Municípios. Por exemplo, “o artigo sexto, estabelece uma série de direitos sociais, inclusive o da alimentação.

Portanto, o Estado tem que atuar com a finalidade de suprir essas necessidades”, afirma o professor da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), sociólogo e pós-doutor em Direito, Juvencio Borges da Silva. Ele ainda analisa que a elite política e econômica brasileira não tem um plano efetivo para o enfrentamento da desigualdade social no Brasil, para que tenhamos uma melhor distribuição de renda, mas assistimos uma elevação da concentração de renda. “Temos uma cultura da complacência com a pobreza, da naturalização da desigualdade, como se fosse um fenômeno da natureza, assim como as plantas e os animais que nascem”, completa.



Geralda Rodrigues da Silva, moradora da comunidade Recreio Anhangueira, após receber cesta básica em ação da ONG Amigos que Fazem o Bem

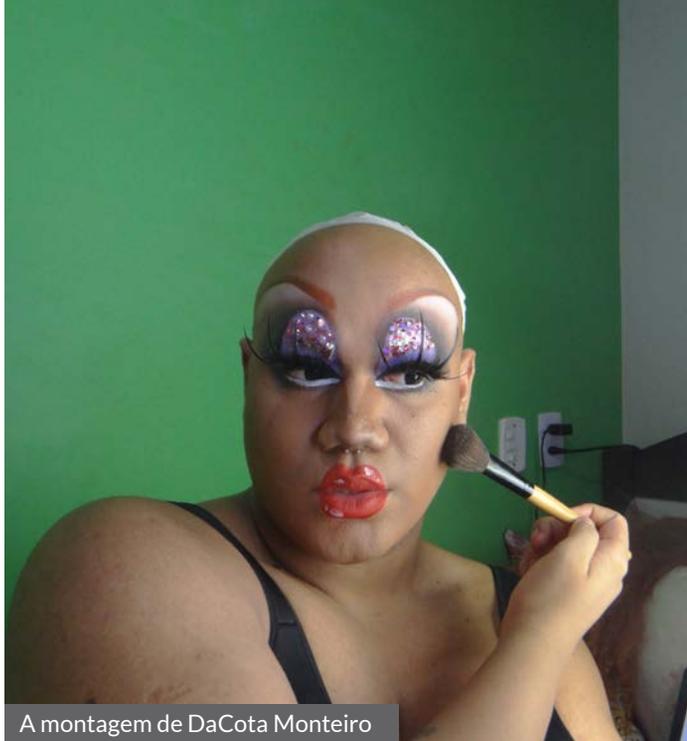
YOUTUBERS SOFISTICAM A PRODUÇÃO

Na impossibilidade de encontrar os parceiros de produção, os youtubers Eduardo Barbosa e DaCota Monteiro perceberam a necessidade de melhorar a estrutura de produção por conta própria

Apesar do trabalho no YouTube ser algo que pode ser realizado tanto em casa quanto em qualquer outro lugar, o modo e a rotina de gravação dos youtubers também sofreram alterações durante a quarentena. Fazer toda a produção de forma autônoma e apenas em um lugar exigiu investimentos em luzes, cenários e edição para uma profissionalização e melhoria da qualidade. Eduardo Barbosa, de Sertãozinho, trabalha em conjunto no canal de humor “QMinutosQ” e relata: “A gente teve que começar a gravar separadamente e isso mudou muito a dinâmica dos vídeos. Nos reformulamos para deixá-los mais dinâmicos e interessantes de assistir, mesmo gravando separados”.

O canal apresenta assuntos nerds e da internet e conta com seis pessoas ajudando, tanto na apresentação quanto na produção e edição dos vídeos. No isolamento, o pessoal da produção teve que realizar os respectivos papéis em casa.

No início, esse período de adaptação atingiu os envolvidos na produção e os seguidores do canal. “Logo que começou a quarentena, estávamos gravando de uma forma que ficou sem dinâmica nenhuma e o público foi perdendo o interesse. Inovamos para chamar a atenção deles de novo e mostrar que a gente conseguiu fazer algo bacana, mesmo nesse período”, declara Eduardo.



A montagem de DaCota Monteiro

A realidade de DaCota Monteiro, no canal de mesmo nome artístico, não foi muito diferente. O apresentador que fala sobre assuntos do mundo das drag queens afirma que com a quarentena houve uma mudança muito relevante no canal. “Antes tinha uma pessoa que me ajudava com produção, iluminação, câmera, cenário e etc. Eu cuidava só da parte de edição, maquiagem, roteiro e apresentação. Como sou de Ribeirão Preto e ele de Sertãozinho, eu viajava para lá e gravávamos juntos. Com a nova realidade, precisei investir em iluminação própria e gravar sozinho”, comenta DaCota. O criador de conteúdo também comenta que além das complicações técnicas, também surgiram os problemas psicológicos e emocionais durante a pandemia: “Tecnicamente poder gravar e editar na minha própria casa, sem precisar viajar, era para acelerar o processo, porém com a quarentena veio um peso psicológico muito grande.

É difícil produzir quando, algumas vezes por semana, você tem uma crise de ansiedade e fica com medo de perder seus pais, por exemplo”.

RENDA INSTÁVEL

Trabalhar com o Youtube é algo muito instável, por conta da extrema dificuldade em receber retorno financeiro. Várias pessoas acreditam que é simples ficar rico e famoso com a plataforma, mas na reali-



Caio Rodrigues se preparando para a gravação

dade não é bem assim. O pagamento feito em dólares se baseia na regra de CPM (custo por mil). A cada 1.000 visualizações, o youtuber pode ganhar valores entre 0,25 e 4,50 dólares, 1 e 19 reais no Brasil. Portanto, de acordo com esses números, para um produtor de conteúdo receber uma quantidade relevante no YouTube, se torna necessário produzir vários vídeos por mês e garantir que cada um deles tenha uma quantidade alta de visualizações. Ainda assim DaCota Monteiro, designer gráfico, após conquistar 12 mil seguidores no Instagram e 26,5 mil inscritos no canal, também largou o emprego em uma agência de web design e programação para viver do YouTube, em meio à pandemia. “Comecei a ganhar na internet o mesmo dinheiro que recebia no meu trabalho formal. Em alguns meses, ganhei até mais. Porém, com uma carga horária que eu definia e fazendo algo que gosto. Então, valeu a pena”, comenta.

Já Eduardo, formado inicialmente em administração de empresas, antes do canal atuava na parte financeira de uma rede de supermercados. Em 2019, começou a trabalhar apenas com o “QMinutosQ” na área de roteiro, edição, apresentação e postagens nas redes sociais. O canal alcançou 22 mil seguidores no Instagram e 517 mil inscritos no YouTube. Assim, Eduardo se tornou o único da equipe que tem apenas o canal como única fonte de renda. “A receita mensal estava cobrindo a do meu outro empre-

go, então preferi arriscar agora que ainda sou novo para no futuro não me arrepender de não ter tentado”. Ainda tirando uma porcentagem do retorno financeiro que o canal recebe, voltado para o próprio canal, Eduardo chega a receber em torno de R\$ 2.000,00 apenas do YouTube. O “QMinutosQ” e o “DaCota Monteiro” conseguem se destacar dentro de seus nichos por conta dos diferenciais e das individualidades de cada um. “O que atrai as pessoas ao meu canal é que eu faço teatro e fui professor de teatro. Tenho mais consciência de entretenimento, performance e contação de histórias. Lido com roteiro naturalmente e consigo fazer as pessoas acreditarem que a minha fala acabou de sair da minha cabeça, mas tem um roteiro e um pensamento anterior”, declara DaCota.

Para Eduardo, o diferencial do canal está muito mais no esforço e na atenção aos pequenos detalhes. “O pessoal se interessa pelo nosso conteúdo, pois sempre tentamos manter um padrão de qualidade alto, mesmo não sendo profissionais. Quando montamos uma cena simples em teoria, elas são feitas de forma bem produzida e não de qualquer jeito”, comenta. “Por exemplo, quando gravamos uma cena de açougue, em vez de adaptarmos uma parte da casa para parecer um açougue, o que não ficaria tão convincente, arranjamos um açougue para gravar uma cena de 20 segundos. Isso virou uma marca registrada do canal”, finaliza Eduardo.

A GUERRA DE *TODOS OS TEMPOS*



No início do século XX, Ribeirão Preto tinha aproximadamente 15 mil habitantes

Ao longo da história, Ribeirão Preto esteve na linha de frente contra epidemias que dizimaram milhares de vidas no Estado de São Paulo

Esta história começa no mar. Dentro de navios abarrotados por homens que partiram de seus países de origem para desbravar o novo mundo. Em seus corações, traziam a esperança de novas conquistas. Mas, junto com as expectativas, abrigavam em seus barcos um futuro de epidemias e a imposição de uma guerra interminável contra inimigos invisíveis de poder devastador. Foi assim que a febre amarela chegou ao continente americano. Dentro das embarcações portuguesas, além dos negros escravizados, provavelmente estiveram os primeiros descendentes do que hoje conhecemos como *Aedes Aegypti*. O professor Amaury Lelis dal Fabbro, médico infectologista do Hospital das Clínicas de

Ribeirão Preto, conta que o vetor da doença existe no Brasil há séculos, “provavelmente, vindo da África, dentro dos navios na época do descobrimento”.

Em Ribeirão Preto, a doença se instalou anos mais tarde pelos caminhos de ferro, escreve o professor Luiz Tadeu Moraes Figueiredo, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP, no artigo “A febre amarela na região de Ribeirão Preto durante a virada do século XIX: importância científica e repercussões econômicas”, publicado na revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical em 1996. “Pela estrada de ferro, que propiciou o progresso da região, vieram alguns males. Destes, o mais terrível foi a febre amarela, que veio juntar-se à malária, à febre tifoide, à tuberculose e à varíola, entre outras doenças já existentes”. Juntas, todas essas enfermidades “inspiravam horror e faziam com que os europeus tivessem receio do Brasil, considerado no século XIX como uma das áreas mais insalubres dos trópicos”.

Na região de Ribeirão Preto, os primeiros casos datam de 1902, quando a Delegacia de Higiene da cidade alertou sobre o surgimento do primeiro enfermo. Apesar de se tornar uma epidemia que durou cerca de um ano, a moléstia recebeu ação rápida. Figueiredo diz que a experiência da vizinha São Simão com essa doença ajudou a cidade a enfrentar a epidemia. Durante um mês, cerca de 200 homens se mobilizaram para o combate aos possíveis criadouros de *Aedes Aegypti*. “Foram removidas cerca de 4 mil carroças de lixo, como latas, garrafas e outros materiais que acumulavam água”. Na cidade, foram notificados 810 casos de febre amarela entre os habitantes que, na época, eram de aproximadamente 15 mil. Os enfermos ficavam isolados na Santa Casa de Misericórdia até apresentarem melhoras nos sintomas que variavam entre casos assintomáticos, incaracterísticos - como uma gripe - leves, moderados e graves ou malignos.

Porém, no artigo “Memória Coletiva e Epidemia a Febre Amarela em São Simão” (1986 a 1902), a his-

toriadora Fernanda de Cássia Alves Pialarici, professora do Centro Universitário Barão de Mauá, conta que, no Império do Café, as consultas eram um privilégio para poucos. “O preço de uma visita médica na fazenda, mais os medicamentos, era equivalente a um hectare de terra ou à remuneração do colono pelo cuidado anual de mil pés de café, variando de quarenta mil-réis a sessenta mil-réis no início do século XX”. Além da questão econômica, a historiadora também aponta a escassez de médicos que atuavam no interior de São Paulo naquele período. “Em Ribeirão Preto, por exemplo, eram apenas dez médicos para 52 mil habitantes, em 1906”, escreve. Com esse cenário, a epidemia que se instalou na cidade levou ao fechamento de escolas e afugentou os moradores para outras vilas da região. A epidemia de febre amarela foi erradicada na cidade apenas em 11 de julho de 1903. Ao longo da história surgiram outras doenças causadas pelo *Aedes Aegypti* e em muitos momentos o Brasil acreditou estar livre do mosquito, mas, para o professor Fabbro, “ele nunca foi erradicado”.



Enfermos eram internados na Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto, atual Santa Casa de Misericórdia

A GRANDE GRIPE

Após 15 anos da epidemia de febre amarela, Ribeirão Preto viu-se diante de uma nova catástrofe. Dessa vez, a luta foi travada por todo o mundo. Em 1918, com a Primeira Guerra Mundial, eclodiu aquela que ficou conhecida como uma das piores pandemias da história da humanidade: a gripe espanhola. O historiador Gilberto Andrade de Abreu conta, no artigo “Doenças Globais: Um futuro de Epidemias” que a doença pode ser caracterizada como “a primeira pandemia do mundo globalizado”. Isso porque a gripe espanhola se disseminou pelo mundo devido à movimentação dos soldados durante a Primeira Guerra. Mais uma vez as embarcações e os trilhos foram os responsáveis pela chegada da doença à região de Ribeirão Preto. No artigo, “Uma trágica primavera. A epidemia de gripe de 1918 no Estado de São Paulo, Brasil”, a professora Maria Sílvia Casagrande Beozzo Bassanezi, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), afirma que “esse ‘ir e vir’ fez com que a gripe espanhola ao atingir a capital do Estado se espalhasse rapidamente por toda cidade e pelas terras paulistas, castigando violentamente a população, deixando marcas amargas”.

São Paulo teve 116.777 casos oficialmente notificados, entre outubro e dezembro de 1918, escreve a professora Maria. “Mas estima-se que cerca de 350 mil pessoas, ou seja, aproximadamente dois terços da população paulistana, tenha sido atingida pela gripe”. Em Ribeirão Preto, a enfermidade acometeu 6.037 pessoas, número de casos notificados oficialmente. Calcula-se que a pandemia provocou a morte de cerca de 0,3% a 0,4% da população, que já passava de 56 mil

habitantes. Ao contrário do que muitos pensam, conta a historiadora, “a epidemia não foi tão democrática, mas atingiu, sobretudo, as camadas mais pobres da população”. Mais uma vez, as questões sanitárias e socioeconômicas se destacaram entre os motivos da fragilidade paulistana diante do vírus. Maria relata que grande parte da responsabilidade pelas dimensões assumidas pela doença recaiu sob “o descaso com que estava relegada a saúde pública e o despreparo das autoridades e do Serviço Sanitário do Estado para enfrentar uma epidemia de tais proporções”.

Para o historiador Gilberto Abreu, o despreparo e o descaso com os menos favorecidos são características observáveis até nos dias atuais. Afirma que, “embora as condições do avanço sanitário impeçam calamidades generalizadas, não evitam, porém, que milhares de pessoas sejam vitimadas”. Acrescenta o aumento populacional, a urbanização, a globalização industrial e a crescente onda de migração entre os “fatores desestabilizadores que contribuem para a insegurança humana”. Para Abreu, a luta contra doenças e endemias é uma das guerras mais antigas da história humana. Afirma que a pobreza e a restrição do acesso a tratamentos de saúde criam um mundo epidemiologicamente dividido, onde os investimentos da indústria médico-farmacêutica se concentram nos males daqueles que possuem a maior renda. “Há pouco interesse em enfermidades que atingem os pobres e os desvalidos, quase sempre entregues aos caprichos de destinação de verbas públicas, que é quase o mesmo que dizer: eles estão à mercê das circunstâncias e somente o acaso poderá salvá-los”.

Arquivo municipal



Vírus chegavam pelos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro



JORNALISMO PARA QUEM?

Enrico Ziotti

Ao abordar as dificuldades de jornais locais durante a pandemia, existem opiniões que tornavam, para muitas pessoas, a pauta irrelevante. Uma explicação superficial do porquê ela se tornara fútil deve-se ao fato do jornalismo tradicional, não raro, ter perdido credibilidade com parte do povo. Essa perda pode ser justificada com inúmeros argumentos e grande parte deles — se não todos — possuem, mesmo que inconscientemente, certo viés político (de todas as vertentes). Independentemente dos fatores que construíram os pensamentos negativos em relação aos jornais convencionais, existem chances de os noticiários de bairro sofrerem represálias como grandes redações, o que seria lamentável, já que possuem menos verba e a pandemia ocasionalmente complicou o que já não era simples.

As entrevistas com sites e jornais impressos voltados para um certo bairro, região ou somente que foge do tradicional mostraram uma realidade intrigante. Apesar dos problemas inevitáveis causados pela quarentena (como falta de pautas e anunciantes), o que se encontra são organizações acolhidas pela comunidade que recebe o que a mídia alternativa provém. O que pode soar como incoerente por parte da população, já que existem comportamentos diferentes para tipos de mídias diferentes.

A explicação pode estar em fatores comportamentais, sociais e até políticos, mas existe uma justificativa simples: as pessoas não só gostam das notícias como também precisam. Esse fato abre a discussão da importância do jornalismo bairrista ou de nicho. A resposta, por mais romântica que pareça, vem da valorização do bairro ou do assunto abordado. O jornalismo é feito para quem precisa de notícias? Não necessariamente. É feito para quem também busca reviver memórias da região ou bairro onde vive, para os que amam um assunto não momentâneo e usufruem das informações que, muitas vezes, não têm espaço nas notícias diárias dos maiores jornais da cidade e do país.



ISOLADOS E ATIVOS

Helena Carolli

A pandemia causada pelo novo coronavírus deixou toda a população em isolamento social, principalmente os integrantes dos grupos de risco. No Brasil, a Covid-19 já deixou mais de 6 milhões de infectados, com milhares de mortos. Com esses dados aumentando a cada dia e sem uma cura ou vacina descoberta, a população fica em um impasse, pois precisa trabalhar, mas existe uma quarentena a ser respeitada. Diante desse impasse e dentro dos grupos de risco, estão os idosos que trabalham. Muitos deles dependem da renda que conseguem trabalhando e ao serem obrigados a se afastar das atividades ficaram sem muita saída. Dos que trabalham por conta própria, a maioria não parou. Continuou trabalhando, mas tomando os cuidados necessários e tendo o mínimo contato possível com outras pessoas.

Esse é o caso da costureira Lourdes Luchesi, que trabalha sozinha e atende os clientes em casa. Com a chegada da pandemia, Lourdes diminuiu os consertos que fazia e passou a produzir máscaras. No início, eram apenas para doação, mas chegaram algumas encomendas e Lourdes resolveu atender aos pedidos. A costureira recebe os materiais para a confecção em casa, sendo entregue pelas filhas ou por delivery da loja de tecidos. Assim como Lourdes, o mecânico “faz tudo” Joaquim Tobias não parou totalmente as atividades. Atendendo apenas os clientes fiéis, Joaquim continuou trabalhando de portas fechadas. Esses dois idosos são exemplos de quem depende da renda que ganha com o trabalho, e não pode parar. Mesmo com o medo de se contaminar, precisam da renda para sustentar a família.

Ao contrário da costureira e do mecânico, Sílvia Camargo, professora, conseguiu cumprir o isolamento total. Trabalhando remotamente, Sílvia teve dificuldades de se adequar à tecnologia para dar aulas on-line. Além dela, seus alunos, com acesso limitado à internet devido à condição financeira, também tiveram dificuldades para realizarem as tarefas e as demais atividades. As mães procuravam a professora a qualquer horário para sanar as dúvidas de seus filhos.



OPORTUNIDADES EM MEIO À PANDEMIA

Algumas empresas conseguiram aproveitar as oportunidades que surgiram em meio à crise econômica causada pela pandemia do coronavírus

A rede de supermercados Mialich relatou aumento nas vendas durante o período de pandemia

Durante a pandemia, algumas empresas conseguiram aumentar o faturamento por conta do setor de atuação, enquanto a maioria teve uma redução nas vendas de produtos e de serviços. Outras acabaram falindo devido à queda nas vendas provocada pelo isolamento social. Uma minoria obteve um aumento nas vendas, por atuarem em área relacionada à pandemia. Empresas do setor da saúde, da alimentação e da construção civil registraram aumento nas vendas durante o isolamento. Pouco mais de 10% das empresas do país relataram que a pandemia trouxe novas oportunidades e provocou um efeito positivo sobre os negócios. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 716.000 empresas foram fechadas desde o início da pandemia no Brasil. De acordo com o Sebrae, até a metade de junho, o número de empresas que encerraram as atividades foi muito maior do que a média de empresas que são fechadas anualmente no país, cerca de 600.000 empresas. Das 2,7 milhões de empresas que continuam abertas, 70% delas relataram diminuição de vendas ou serviços desde que o vírus chegou ao país e 948.800 firmas demitiram trabalhadores durante esse período.

Durante a pandemia, um ponto que se destacou para a rede de Supermercados Mialich foram as vendas por delivery, algo que antes era insignificante e que de repente passou a ser extremamente representativo. A empresa montou equipes específicas para fazer o delivery e retirada de mercadorias nas lojas. Atualmente, quase todas as unidades da empresa atendem o público por delivery em Ribeirão Preto, e assim, o supermercado teve a oportunidade de conquistar diversos clientes que antes não compravam, pois não havia lojas físicas ao redor desses novos consumidores. “Realmente não podemos reclamar do nosso setor, no caso o supermercadista. Durante a pandemia, os supermercados conseguiram se manter como uma das poucas opções habituais de compra ao consumidor (frequentar a loja física, entre outros). Tivemos aumento nas vendas, impulsionando o setor. A tendência a partir de agora é a intensificação de inaugurações de novas lojas pelas redes”, conta Aurélio Neto, do Departamento Comercial dos Supermercados Mialich. Antes desse cenário, o delivery era praticamente insignificante para a empresa, e agora, se tornou uma prioridade para o supermercado, pois isso permite atingir públicos que antes não seriam

atendidos, enquanto não houvesse uma loja física em uma determinada região.

Algumas empresas tiveram que se reinventar para ter oportunidades e conseguir aumentar as vendas. A empresa que fabrica produtos odontológicos Alliage resolveu fazer o lançamento de produtos que são específicos para a pandemia, como as máscaras face shield, a fabricação de respiradores e as macas hospitalares. “Inclusive realizamos a doação de mais de mil máscaras face shield para a Prefeitura em Ribeirão Preto”, destacou Roberta Gomes, gerente de RH da Alliage. Já a empresa Artpool Piscinas, que atua no setor da construção civil, realizando o serviço de construção de piscinas e a comercialização de produtos para lazer, relatou que o mercado já vinha em ascensão por conta do lançamento de condomínios e a crescente migração das casas para condomínios. Com a pandemia, várias pessoas foram obrigadas a trabalhar com o home office. Por conta disso, não puderam sair de casa, pois todas as atividades que envolvem esse segmento estavam fechadas, como os clubes e as academias. Com isso, vários clientes resolveram fazer a própria piscina ou a aquisição de produtos para o lazer dentro de casa. Outro item que teve um

expressivo crescimento foi a parte de segurança na piscina, como a instalação de cercas de proteção, pois as crianças ficaram em casa muito tempo por conta da quarentena. “Assim, a porcentagem de vendas da empresa aumentou em torno de 20%, tendo setembro como o mês com o melhor faturamento do ano”, relata o diretor da Artpool Piscinas, Rodolpho Pondé.



O empresário Rodolpho Pondé conta sobre os efeitos da pandemia nos seus negócios



A empresa de produtos odontológicos Alliage fez mudanças na linha de produção



DESPEDIDA SEM AFETO

A falta de um simples afeto deixou cicatrizes. Os abraços que não foram dados e as despedidas que não ocorreram provocaram um vazio para inúmeras famílias que sentiram na pele as consequências da doença

Depois de tantos meses, fica difícil prever o desfecho dessa história, que ficará marcada por muito tempo, na memória de todas aquelas pessoas que tiveram que se despedir daqueles que hoje são vítimas de um vírus mortal. Os relatos de familiares e amigos mostram uma face cruel da pandemia: a dor de não se despedir de alguém na hora da perda, por conta do isolamento social e do risco de ser infectado. Durante a pandemia da Covid 19, milhares de brasileiros perderam pessoas queridas de uma forma súbita e inesperada. Uma doença que assustou a população brasileira. A dor da perda é sempre

grande, mas as mortes provocadas pelo coronavírus tomaram proporções inimagináveis. Corpos foram enterrados em caixões lacrados. Entre parentes e amigos das vítimas, faltou aquele abraço apertado que ajudaria a minimizar as perdas.

Ana Márcia da Silva, de 49 anos, passou por essa situação. Residente em Ribeirão Preto, a lojista relata que seu pai, José Antônio da Silva de 79 anos, contraiu o vírus e a partir daí começaram as complicações. O idoso que já era diabético precisou ser entubado. Ana Márcia contou que ficou 21 dias sem ver o pai, recebendo apenas notícias por telefone. O pai, que estava todos os dias em casa, deixou um vazio e uma espera muito grande, com a esperança da volta para casa. Infelizmente, José, que já sofria com o Alzheimer, não resistiu. Depois de muita luta, José Antônio faleceu no dia 26 de agosto, após uma parada cardíaca. “Causou um trauma muito grande na família. Muito triste a perda

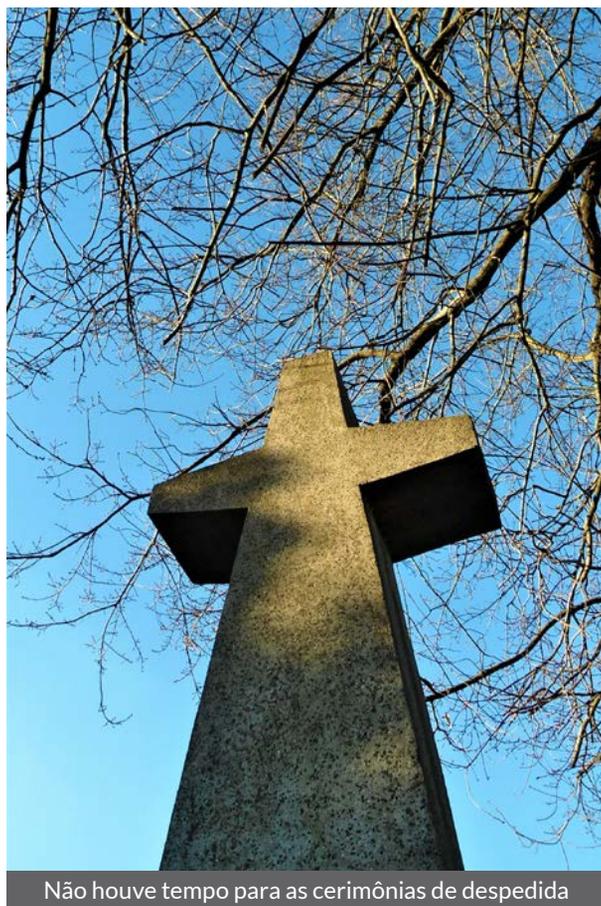
inesperada, imaginava que meu pai voltaria para casa. Eu não acreditava muito na Covid 19, achei que não iria para frente, mas de repente, através do contato entre amigos, o vírus estava dentro da minha casa”, diz Ana Márcia.

Vidas como a de Giselle Alexandre também foram abaladas. A agente comunitária de saúde perdeu o padrasto por causa do vírus. Giselle relata que, Pécio Rosa de 60 anos, já sofria com algumas doenças respiratórias e fazia o uso de oxigênio. Pécio foi internado em um hospital em Ribeirão Preto e mesmo com a ajuda dos respiradores não conseguiu sobreviver. “A dor da perda é muito difícil, a gente o deixou no hospital sem se despedir. A comunicação só era por telefone e bem rápida. Não se despedir de um familiar é muito triste, passar anos juntos e não pode dar ao menos um abraço. Não esperávamos, mas lidamos com tudo isso e ajudamos minha mãe a seguir em frente”, relatou Giselle.

Fernanda Bastos, a fisioterapeuta filha de Carlos Bastos, que morreu aos 58 anos, contou que o pai havia passado mal e que o levaram para o hospital, e, um dia depois, voltou para casa. “Quando chegou em casa, fizemos um revezamento para cuidar dele. A família toda teve contato com ele, filhos e netos, não sabíamos o que podia acontecer. Ele não podia ficar sozinho, porque tinha diabetes e precisava tomar insulina. Quando ele voltou a passar mal, o Samu foi até em casa para buscá-lo e depois disso não o vimos mais. Só minha irmã tinha ido na ambulância com ele. Ficamos revoltados porque, quando recebemos a notícia da morte, o médico não nos informou sobre o vírus. Ele foi enterrado no mesmo dia em que morreu. Recebemos um telefonema para nos instruir sobre como seria realizado o funeral”, contou Fernanda.

Renata Andrade, psicóloga e terapeuta familiar há 8 anos, relata que o ritual do velório é necessário para que possamos compreender que de fato aquela pessoa se foi. “Quando não passamos por esse rito, a dor do luto pode ser agravada em nosso inconsciente. A vivência do luto é de extrema importância para ajudar na elaboração das perdas,

por isso é normal, esperada e necessária. O velório contribui muito para a melhor elaboração daquela perda específica”. A terapeuta afirma que não há como se preparar para a morte e a lição que se aprende é a necessidade de fazer o bem e amar as pessoas que estão vivas agora. “Com isso, é possível passar o luto de maneira mais tranquila e com o coração em paz com o que foi feito em vida. Como não há previsão ainda de se voltar à normalidade, muitas pessoas usam as redes sociais para expressar sua homenagem e sentimento de perda, o que ajuda em algumas situações. Se o caso é de ter um sentimento de culpa em relação a pessoa morta, então procure grupos de apoio ou ajuda psicológica para que o luto seja vivido e você possa superar esse momento”, analisa Renata, recomendando pensar nas boas lembranças vividas com essa pessoa. “A constelação familiar pode ajudar na elaboração do luto. Temos que entender que todos passaremos pelo luto”, conclui Renata.



Não houve tempo para as cerimônias de despedida

OS DESAFIOS DAS AULAS REMOTAS

Os problemas vão de sinal ruim da internet e falta de comprometimento dos alunos, até táticas dos professores para prender atenção



Lívia Maria Trovó acompanhando suas aulas on-line

Em meio à pandemia do novo coronavírus, as instituições de ensino precisaram se readaptar para enfrentar essa situação inesperada, para que aos poucos, a rotina dos alunos fosse voltando ao normal. Nessas instituições, o método adotado foi a ensino à distância. Mas esse desafio ficou mais difícil para os alunos que estão no Ensino médio, de uma escola pública, que estão prestes a prestar o vestibular. A maior barreira desse novo plano de estudo on-line são os estudantes que sofrem com dificuldades de acesso à internet. Lívia Maria Trovó, estudante do 2º ano do Ensino médio na escola Jeremias de Paula Eduardo, em Monte Alto (SP), é uma das alunas que enfrentaram essa situação. Morando no Barreiro, bairro da zona rural, ela recebe um apoio da Prefeitura da cidade com um aparelho wi-fi, que a maioria das vezes, não funciona. “É tudo muito complicado, eu, por exemplo, assisto às aulas pelo celular. E aqui, por ser zona rural, o sinal de internet é muito ruim. Tem dias que perco até a vontade de estudar, de focar mais, por que o sinal fica oscilando, começa a me dar um estresse”, completa a jovem de 17 anos.

Juliana Aparecida Biscola, mãe da estudante, sabendo da dificuldade da filha para conseguir manter a rotina, tentou organizar um local de estudos para ela. “Procuramos o lugar que melhor pega o sinal. Uso o meu celular e roteio internet para ela. Para não ficar oscilando tanto, amarro meu celular em um cano, ela senta em uma cadeira e assiste às aulas. Em dias que faz frio, eu tenho que colocar uma lona, por que o local que organizamos é aberto. Dependendo do dia, o sinal também fica fraco, aí ela tem que ir até um pé de ciriguela na beira da estrada”, completa Biscola. Para Camila Guadaguini, estudante da escola Dr. Luiz Zacharias de Lima, também em Monte Alto, por ser um dos anos mais esperados da vida de um adolescente, ela se sente muito prejudicada por ter que passar essa preparação para uma nova etapa de sua vida, por meio do ensino a distância. A maior dificuldade da adolescente de 17 anos é que os horários das aulas, às vezes, se chocam com seu horário de trabalho. Com isso, ela acaba ficando sem algumas explicações. “A dificuldade de se

concentrar nas aulas aumentou muito, a partir do momento em que fica em casa, na sua zona de conforto. Você acaba se distraíndo muito fácil. Sem contar que ter seus amigos do seu lado, pessoas em sua volta, era uma sensação única. Foi um ano perdido, sem contar que a nossa turma já havia marcado a formatura, mas foi cancelada”, lamenta Camila.

Giovana Barbosa, estudante da ETEC Alcides Cestari, também de Monte Alto, conta que com o ensino à distância, é muito complicado manter a concentração nas aulas, principalmente por ficar com o aparelho celular o tempo todo ao seu lado. “Não me senti motivada. É claro que nossos professores falaram para mantermos o foco e não desistir, mas sinto que foi um ano perdido”, relata a adolescente. Com esse método de ensino implantado, os alunos tiveram que se reorganizar, criar uma rotina totalmente diferente. Giovana diz que agora praticamente não tinha uma rotina fixa, e isso acabava prejudicando. “Com as aulas presenciais, eu estudava e realizava as atividades com antecedência. No ensino à distância, entregava no último dia”, afirma. Luiz Flávio Santos, professor de Biologia na ETEC Alcides Cestari, explica que como no vestibular, os alunos de escolas públicas não concorrem com os alunos de escolas particulares. “Eles não disputam a mesma vaga, mas é claro que isso não tira o fator de seleção. Vão disputar com alunos do mesmo tipo de formação. Por ser um professor que valoriza muito o contato com os alunos, que gosta da interação, o ensino à distância gerou algumas dificuldades. “Pela cara dos alunos, conseguimos ver se ele entendia, se tinha dúvidas, dificuldades. Sem o contato visual, não podemos usar esses recursos. Sem contar que ficamos totalmente sobrecarregados, por que esse formato demandava muito mais tempo para preparar as atividades on-line, pois tentamos buscar coisas diferentes, atrativas, pra tentar prender um pouco mais a atenção deles”, finaliza.



A MODA ALÉM DAS GRIFES DE LUXO

Guilherme Pinto

A moda sempre passa por transformações e se reinventa, seja por conta da troca de estações ou pelas condições sociais de uma determinada época.

Além da moda estar mais confortável, a pandemia trouxe a intensificação da democratização dela.

Se vestir bem e ter estilo não significa usar peças de grifes ou ter um closet lotado, e sim encontrar aquilo que te deixa feliz e confortável.

Claro que o mercado mostra tendências e itens que se tornarão populares, mas o jeito de se vestir é subjetivo.

Antes, as roupas com manchas, o tie-dye, eram descartadas pelas marcas, denominado por muitos como algo “cafona e exagerado”.

MARCO FASHION

Agora se tornou um marco fashion. As pessoas podem estilizar a peça como quiser, fazendo com que sua criatividade se transporte para seu estilo.

Graças a tecnologia os grandes desfiles não são mais exclusivos apenas para uma camada burguesa que consome grifes de luxo e “entendem” sobre o assunto.

Isso dá esperança a jovens que sonham ver esses desfiles ou se tornarem designers de moda, ou estilistas.

Algo muito importante que deve ser pensado no cenário atual é o consumo consciente, tanto para a proteção do meio ambiente quanto para o bolso dos consumidores.

Comprar em bazares e brechós, ou até mesmo trocar peças com conhecidos, são alternativas viáveis nessas situações.

A DOENÇA QUE NÃO TEM PAUSA

ONGs que atendem pessoas diagnosticadas com câncer não fecham as portas mesmo sem recursos para se manter no período da pandemia da Covid-19



A interrupção dos brechós retirou uma das principais fontes de renda das entidades assistenciais

Em Ribeirão Preto (SP), três ONGs que ajudam pacientes e familiares a passar por esse processo do tratamento da doença e manter a sustentação financeira através de doações e vendas em brechós. Esses eventos foram paralisados por conta da quarentena. A doença que se desenvolve com o crescimento desordenado de células nos tecidos e órgãos do corpo, podendo se espalhar para outras regiões, não parou com a chegada do novo vírus. O ano de 2020 trouxe para a rotina do mundo um novo jeito de viver. Com a pandemia da Covid-19, muitos setores ficaram prejudicados e com as ONGs não foi diferente, principalmente as que ajudam no processo do tratamento do câncer. Os pacientes não podem interromper o tratamento.

O Grupo de Apoio à Criança com Câncer (GACC) é uma instituição que auxilia crianças e adolescentes em tratamento contra o câncer e doenças hematológicas. Enquanto pacientes são atendidos na rede de saúde da cidade, familiares também são acolhidos pela entidade e o funcionamento não parou durante a pandemia da Covid 19. A entidade atendeu, no período de janeiro a junho deste ano, mais de 500 famílias com assistência médica, apoio social, hospedagem e alimentação para os envolvidos no tratamento dessas crianças ao mesmo tempo em que teve uma queda de 20% em sua receita neste período.

Já a Associação Brasileira de Combate ao Câncer Infantil e Adulto (ABRACCIA) oferece acomodação com capacidade para 12 pessoas de todo o país que vêm realizar o tratamento em Ribeirão Preto. A ONG disponibiliza apoio com medicamentos, dietas, materiais de higiene, transporte e hospedagem. As principais fontes de renda fora da pandemia eram os eventos, feiras e o brechó que auxilia o caixa da ONG. Esses eventos tiveram que ser paralisados, deixando a instituição com uma queda de 30% no volume de contribuições. A instituição se manteve com o seu serviço de telemarketing para doações.

Durante o isolamento, a ABRACCIA continuou e até aumentou a assistência para moradores de Ribeirão Preto (SP), oferecendo complementação alimentar, remédios e fraldas. A assistência social da casa teve uma proximidade maior com as pessoas que usam esses benefícios, pois o contato passou a ser agendado e organizado de forma remota. Porém, a quantidade de material doado foi maior com ajuda de parceiros. Nos meses de quarentena, a casa teve uma queda na demanda das hospedagens, já que o hospital das clínicas paralisou alguns procedimentos, realizando apenas os atendimentos que são mais urgentes do que o risco oferecido pela viagem. As pessoas que ficam na casa são de locais distantes. Já as crianças que realizaram transplante ou algum procedimento em 2019 continuaram com os retornos clínicos marcados para 2020 e por isso utilizaram a casa, mas realizando um procedimento de segurança, isolamento e distanciamento social.

O Grupo de Apoio ao Transplantado de Medula Óssea (GATMO) tem a sede na Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto. Com 20 vagas para assistência, o grupo também precisou de ajuda quando o assunto foi renda. Durante a pandemia, participou de um evento virtual e fez uma campanha via redes sociais, para conseguir doações. A casa com 25 anos de atuação já acolheu mais de 300 pessoas de todo o Brasil. O paciente fica na casa por 120 dias, tendo além da hospedagem, quatro refeições completas. As três instituições são de assistência social de alta complexidade, que precisam seguir uma legislação para o funcionamento. Durante a pandemia não poderiam fechar por ser um serviço essencial, mas seguiram as normas de segurança. Para os transplantados, os voluntários mostram que mesmo neste momento de distanciamento poderiam contar com alguém, mesmo que de longe ou de forma remota.

JORNALISMO DE EXCELÊNCIA, UMA TRADIÇÃO UNAERP

PADRÃO MUNDIAL DE ENSINO COM A ESTRUTURA DE UMA UNIVERSIDADE.



RÁDIO UNAERP

Programa de rádio ao vivo



LABORATÓRIO DE EDITORAÇÃO GRÁFICA

Jornalismo impresso e online



LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA

Fotojornalismo



LABORATÓRIO DE TELEVISÃO E TV UNAERP

Canal 10 da NET

ACESSE O PORTAL

jornalismounaerp.com.br

para conhecer os projetos e as produções dos alunos nas diversas áreas de atuação.



B E M - V I N D O A O

MUNDO NOVO

PROCESSO SELETIVO
SEMESTRAL

UNAERP.BR

CURSOS

- Administração
- Arquitetura e Urbanismo
- Ciências Contábeis
- Ciências Farmacêuticas
- Direito
- Educação Física
- Enfermagem
- Engenharia Civil
- Engenharia de Computação
- Engenharia de Produção
- Engenharia de Software
- Engenharia Química
- Fisioterapia
- Jornalismo
- Medicina
- Nutrição
- Odontologia
- Psicologia
- Publicidade e Propaganda
- Relações Internacionais
- Serviço Social



● Campus Ribeirão Preto
0800 771 8388 [f /universidadeunaerp](https://www.facebook.com/universidadeunaerp)

● Campus Guarujá
0800 773 7760 [f /unaerpcampusguarujá](https://www.facebook.com/unaerpcampusguarujá)